

CHICLETE COM BANANA, PÓS-MODERNIDADE E OS ANOS 80: ESTUDO DO IMAGINÁRIO E DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE A DÉCADA DE 80 REALIZADAS PELA REVISTA EM QUADRINHOS *CHICLETE COM BANANA*, DE 1985 A 1990.

Orivaldo Leme Biagi

RESUMO

Este trabalho pretende contar a história da revista em quadrinhos “Chiclete com Banana”, criada pelo cartunista **Angeli**, e, através dela, identificar, conhecer e entender muitas das aspirações e contradições sobre os aspectos sociais, culturais e políticos da sociedade brasileira da década de 80 do século XX.

Partimos do suposto que a revista foi fruto de e produziu representações, ou seja, que está inserida dentro do contexto que denominamos **Imaginário**, de acordo com o filósofo cornélius Castoriadis. No momento que a revista foi produzida, podemos verificar uma grande fragmentação em todos os níveis sociais, fragmentação esta que é a base do que chamamos de pós-modernidade. Procuraremos mostrar estes aspectos fragmentados através da revista, fazendo um amplo quadro da vida social brasileira da década de 80.

PALAVRAS CHAVE

Quadrinhos, Imaginário, Comunicação, Pós-Modernidade.

ABSTRACT

*This essay intend to tell history of the comics Chiclete com Banana created by the cartoonist **Angeli** and, by doing so, identify, study and understand various of the aspirations and contradictions regarding social cultural and political aspects of the Brazilian society in the nineteen eighties.*

The underlining assumption is that the comic strip was result of, and also produced, representations, in others words, that it was inserted in the context that we denominate as "imaginary", according to the philosopher Cornélius Castoriadis. At the moment that the comic strip was produced, we can verify a great fragmentation is all social levels, which is at the base we designate pos modernity. We attempted to demonstrate these fragmentes aspects throught the comics strip, composing a wide frame of the Brazilian social life in the nineteen eighties.

KEY WORDS

Comics, Imaginary, Communications, Post Modernity)

INTRODUÇÃO

"O ser humano é meio panaca mesmo. Alguns engolem fogo, outros escalam o monte Everest; outros ainda, deitam em cama de prego e nós resolvemos, fazer um gibi - ou seria uma revista? - de galhofa para galhofeiros. Dois pontos, entre outros, são difíceis nesta façanha editorial: primeiro concorrer com o pato idiota, aí de cima (referência ao Pato Donald desenhado sobre este texto) e segundo fazer galhofa num país onde ultimamente todo mundo se leva terrivelmente a sério."¹

Angeli

O objetivo básico desse artigo é o de contar a história da revista em quadrinhos *Chiclete com Banana*, criada pelo cartunista **Angeli**, e, através dela, identificar e entender muitas das aspirações (e contradições) sociais, culturais e políticas da sociedade brasileira da década de 80 do século XX. Podemos dizer que a revista *Chiclete com Banana* está inserida no contexto cultural e social da deste momento e, neste sentido,

¹ Angeli. *Chiclete com Banana*. Nº 1, São Paulo, Circo Editorial, 1985, p. 3. As referências da revista *Chiclete com Banana* serão sempre descritas da seguinte maneira: nome da revista, número, ano e página;

além de ser fruto das representações do imaginário do seu tempo, também trabalhou sobre essas representações. Essa interação entre a revista/imaginário da década de 80 e imaginário da década de 80/revista é que será tratada no presente artigo.

Entendemos como imaginário a definição dada por Castoriadis, ou seja:

“O imaginário não é a partir da imagem do espelho ou no olhar do outro. O próprio “espelho” e sua possibilidade, e o outro como espelho são antes obras do imaginário, que é a criação ex nihilo. (...) O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”. Aquilo que denominamos “realidade” e “racionalidade” são seus produtos.”²

De um modo mais geral e amplo, as sociedades humanas estão imersas dentro de imaginários, que são justamente os elementos que lhes dão suas formas e conteúdos. Mas, para se trabalhar historicamente com algum objeto, precisamos sair dessa imersão total e definir os imaginários - precisamos buscar a representação, pois é através dela que os imaginários se manifestam.

Não estamos afirmando que tudo seja imaginário - a vida material, por exemplo, não é algo imaginado.³ O próprio objeto em questão, a revista *Chiclete com Banana*, existiu efetivamente, mas **originou-se de e produziu representações**. Por-

² Castoriadis, Cornélius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. São Paulo, Paz e Terra, 1982, p. 13;

³ Mesmo assim, o imaginário social está sendo cada vez mais considerado como algo “real”, como nos afirma Baczko: “o imaginário social é cada vez menos considerado como uma espécie de ornamento de uma vida material considerada como a única “real”. Em contrapartida, as ciências humanas tendem cada vez mais a considerar que os sistemas de imaginários sociais só são “irreais” quando, precisamente, colocados entre aspas.” Baczko, Bronislaw. “Imaginário Social.” In *Enciclopédia Eunaudi*, N° 5, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 298;

tanto, podemos captar estas representações nos discursos da revista.⁴

A revista *Chiclete com Banana* produziu discursos sobre a década de 80, década marcada pela delineação da pós-modernidade no Brasil.

Pós-Modernidade

Pensar na revista *Chiclete com Banana* como uma representação do pós-moderno não deixa de ser uma ousadia - e, como tal, uma afirmação bastante polêmica. A própria revista, como veremos no decorrer do artigo, tende a ser bastante crítica em relação à pós-modernidade, sendo que o cartunista Angeli chegou inclusive, para expor esta crítica, a criar vários personagens bastante corrosivos.

Entendemos por pós-modernidade a definição dada por Jair Ferreira dos Santos:

“Pós-modernismo é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção, se encerra o modernismo (1900-1950). Ele nasce com a arquitetura e a computação nos anos 50. Toma corpo com a arte Pop nos anos 60. Cresce ao entrar na filosofia, durante os anos 70, como crítica da cultura ocidental. E amadurece hoje, alastrando-se na moda, no cinema, na música e no cotidiano programado pela tecnociência (ciência + tecnologia invadindo o cotidiano com desde alimentos processados até microcomputadores), sem que ninguém saiba se é decadência ou renascimento cultural.”⁵

⁴ como Bronislaw Baczko afirma, “O imaginário social torna-se inteligível e comunicável através da produção de “discursos” nos quais e pelos quais se efectua a reunião das representações colectivas numa linguagem. Os signos investidos pelo imaginário correspondem a outros tantos símbolos. É assim que os imaginários sociais assentam num simbolismo que é, simultaneamente, obra e instrumento.” Baczko, Bronislaw. Op. cit., p. 311;

⁵ Ferreira dos Santos, Jair. O que é Pós-Moderno. São Paulo, Brasiliense, 1986, pp. 7-8;

Não se pode imaginar a sociedade pós-moderna (ou pós-industrial, como também é conhecida) sem a presença maciça de informações (saturação) ou a intervenção constante dos meios de comunicação de massa na vida pessoal e social do ser humano. Nas palavras de Roberto Elísio dos Santos, a “*realidade é elevada à condição de efeito especial, transmitindo flashes da história ao vivo par interromper o fluxo banal da vida cotidiana.*”⁶ É sobre esse poder dos meios de comunicação e seu entrelaçamento com outros fenômenos sociais que os estudiosos da pós-modernidade tratam.

Para Roberto Elísio dos Santos, os elementos típicos da sociedade pós-moderna são: *alta tecnologia*: (satélite, antena parabólica, fax, telefone, etc.) aparelhos que possibilitam divulgar, armazenar, copiar, captar e produzir elevado número de informações, “*facultando a cada indivíduo uma atuação mais ampla do que a de mero receptor: pode se tornar emissor, criar novos códigos e interferir na mensagem*”; *velocidade*: a tecnologia não apenas aumenta a quantidade de informação, mas também a rapidez com que ela é veiculada - assim como também sua obsolescência; *consumismo e hedonismo*: o indivíduo procura destacar-se como personalidade única, até desesperadamente, na sociedade de massa, e o consumo passa a ser, então, o espaço da diferenciação. Essa compulsão consumista gera o fenômeno do hedonismo, do individualismo exacerbado; *niilismo*: com tanta informação e discussão, não existem mais temas relevantes; *pastiche*: sem originalidade, a cultura pós-moderna procura retrabalhar velhos temas, dar nova roupagem a antigos produtos, misturar estilos (pastiche), fazer citações, olhar com saudosismo (nostalgia - podemos observar uma certa insistência dos jovens em recuperar valores e personagens das décadas passadas, como Elvis Presley, Beatles, Jimi Hendrix, Anos 70, etc); *simulacro*: já que a realidade não corresponde aos desejos do indivíduo, os meios de comunicação oferecem um substituto melhor, ou seja, a fantasia, mas produzida de maneira cada vez mais sofisticada: publicidade,

⁶ Elísio dos Santos, Roberto. Introdução à Teoria da Comunicação. São Bernardo do Campo, Editora do IMS, 1992, p. 27;

TV, cinema e vídeo-game criam uma hiper-realidade, onde o consumidor se sente mais confortável, seguro ou feliz, e as mercadorias oferecem mais do que seu próprio valor de uso, satisfazendo desejos de status, de riqueza ou prazer (essa abstração, simulação da realidade, corresponde o simulacro); *multimídia*: relação interligada dos meios de comunicação.

A revista *Chiclete com Banana* não apresentou todas essas características ao mesmo tempo, logicamente. Podemos afirmar que a revista fez várias críticas corrosivas sobre a maior parte destes pontos, pois, na década de 80, eles ficaram em maior evidência. Neste sentido, a revista pode, então, representá-los nas suas páginas. A formação pessoal do cartunista Angeli influenciou os caminhos da revista: elementos da Contracultura e do Punk estavam presentes, sendo movimentos fundamentais para se entendê-la. Vamos nos aprofundar mais nestes movimentos.

Contracultura e Punk

É difícil definir toda a extensão do movimento da Contracultura, pois nunca chegou a existir uma unidade entre os grupos que os compunha. De acordo com Theodore Roszak, os movimentos contestatórios foram feitos por uma minoria de jovens das décadas de 60 e 70, filhos do chamado “*baby boom*” (expressão que define os aproximadamente 86 milhões de nascimentos entre 1946 e 1964, apenas nos Estados Unidos), criados na prosperidade econômica que os países desenvolvidos atingiram depois da Segunda Guerra Mundial. Esses jovens - diferentemente de seus pais, que precisaram sujeitar-se ao trabalho quer pela depressão econômica ou pela guerra - desejavam querer ficar jovens “eternamente”. Para esses “jovens mimados” e criados na abundância, não acostumados às convenções sociais (muito mais suaves nas suas casas, nas escolas e nas universidades do que no trabalho), a sociedade tinha de ser mudada para a busca do prazer que tais convenções sociais impediam.⁷

⁷ Roszak, Theodore. *A Contracultura*. 2. ed., Petrópolis, Vozes, 1972, pp. 15-53;

Ainda na década de 50, foi criada uma espécie de “mercado jovem”, ou seja, a comercialização de produtos única e exclusivamente para jovens, reforçando a idéia da juventude como um corpo próprio e, conseqüentemente, com um fim em si mesma. Tais produtos poderiam ter intenções meramente comerciais, mas acabariam realizando uma profunda revolução cultural, criando representações que se manifestariam, principalmente, na década seguinte. Mas nem tudo foi tão “maravilhoso” assim para a juventude deste período. Mesmo tendo sobrevivido uma idéia de que a década de 50 foi um momento único de rebeldia jovem, muitos intelectuais discordam desta visão.⁸

Mas foi na década de 50 que um outro produto cultural importante, a televisão, começaria a se destacar como o meio de comunicação mais importante. Os meios eletrônicos tiveram uma expansão fantástica na década de 50, e, conseqüentemente, a televisão também. Quase que toda a cultura norte-americana ficou dependente da televisão, tanto que os principais ídolos musicais utilizaram-se da televisão para o seu sucesso, como foi o caso de Elvis Presley e, em 1964, dos Beatles. O mais importante é que esse meio acabou por particularizar coisas distantes, aumentando a idéia de livre arbítrio, ou seja, de que as pessoas tinham uma capacidade de participação social maior. Problemas aparentemente longínquos eram apresentados continuamente e no cotidiano de milhões de pessoas através da televisão - milhões de jovens eram apresentados aos problemas sociais dos mais variados pontos do mundo e não ficariam indiferentes a eles.

⁸ Russell Jacoby comenta que: “Enquanto as rebeliões dos anos 60 podem ser e foram documentadas exaustivamente, os anos 50 parecem cada vez mais confusos, assim como cruciais. Os anos 50 se caracterizaram pela rápida suburbanização, pela ascensão e queda do macarthismo e pelos beats. Esses anos também testemunharam uma nova crise nacional: a delinqüência juvenil, tema de intermináveis investigações. No entanto, os editoriais dos jornais lamentavam também outro fenômeno, quase oposto: o da juventude apática e conformista.” Jacoby, Russell. Os Últimos Intelectuais. São Paulo, Trajetória Cultural, EDUSP, 1990, p. 66;

A produção televisiva começou a ser influente na vida de milhões de norte-americanos, e não apenas devido aos programas jornalísticos: um dos primeiros produtos criados pela televisão foram os seriados semanais, que no Brasil seriam conhecidos pejorativamente como “enlatados”. Apesar de seu discutível caráter cultural, esses seriados não apenas confirmavam os valores tradicionais, como também acabaram criando representações críticas da vida dos Estados Unidos. O seriado *Rota 66*, fortemente influenciado pela Geração *Beat*, seria um desses exemplos. Os dois jovens que percorrem a rota 66 com seu automóvel passavam mais do que histórias ficcionais - eles realizaram um mergulho dentro da sociedade norte-americana, mostrando as relações sociais de pequenas cidades, com seus problemas de relacionamento, racismo, etc. O novo meio aproximava questões distantes, o que alterou profundamente a maneira de se encarar certos acontecimentos, como a reação contra o segregacionismo racial no sul dos Estados Unidos. A política contra a segregação racial, iniciada durante o governo Eisenhower e levada a cabo durante o governo Kennedy, recebeu o reforço de inúmeros jovens, que formaram o *Students for a Democratic Society* (Estudantes por uma Sociedade Democrática), o SDS, um grupo de pressão e atuação para que o segregacionismo fosse abolido. Uma vez conseguido esse objetivo, o SDS colocaria-se contra a Guerra do Vietnã.⁹

A luta social, portanto, era mais geral e não apenas contra um posicionamento político - mas contra o próprio modo de viver da sociedade, caracterizado essencialmente pela tecnocracia.¹⁰ Para os comunistas, o grande inimigo era o capi-

⁹ Tuchman, Barbara W. *A Marcha da Insensatez - de Tróia ao Vietnã*. 2ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1986, p. 541;

¹⁰ para Theodore Roszak, tecnocracia “é a forma social na qual uma sociedade industrial atinge o ápice de sua integração organizacional. É o ideal que geralmente as pessoas têm em mente quando falam de modernização, racionalização, planejamento. Com base em imperativos incontestáveis como a procura de eficiência, a segurança social, a coordenação em grande escala de homens e recursos, níveis cada vez maiores de opulência e manifestações crescentes de força humana coletiva, a tecnocracia age no sentido de eliminar as brechas e fissuras anacrônicas da sociedade industrial.” Roszak, Theodore. *Op. cit.*, p. 19;

talismo; para os membros da Contracultura, o grande inimigo era o “sistema” e suas infinitas redes de poder que aprisionavam o indivíduo. Os primeiros lutavam contra a opressão econômica de um classe sobre as demais, procurando libertá-las; os membros da Contracultura lutavam pela “liberdade”, embora jamais dessem uma definição exata deste conceito.

As imagens para esta “liberdade” eram muitas e variadas: o comportamento dos ídolos de rock’n’roll (como os shows viscerais de Jimi Hendrix ou a total liberdade de criação utilizada pelos Beatles na confecção do álbum *Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band*), uma certa liberalização para o uso de drogas (sendo a maconha e o LSD as mais utilizadas), para a prática sexual, para o uso de roupas, para a participação política, entre outras imagens.

Um outro exemplo desta busca de “liberdade” sem um conceito mais definido pode ser acompanhada num dos primeiros grupos de Hippies, The Merry Pranksters, grupo formado pelo escritor Ken Kesey, que consistia num bando de andarilhos que viajavam de cidade em cidade dos Estados Unidos com seu próprio ônibus fazendo peças teatrais, quase sempre surrealistas, cheias de críticas contra a sociedade tradicional norte-americana e, logicamente, contra o “sistema”.¹¹ Este ficou sendo o grupo mais conhecido por causa do chamado Electric Kool-Aid Acid Tests, ou simplesmente Acid Tests - “testes” que consistiam na distribuição de LSD para o público (a droga foi colocada na ilegalidade em 1966) com shows que aclimatizavam as “viagens”, como luzes coloridas, vivas e brilhantes, música tocada com volume alto, projeção de filmes, danças, ou seja, vários efeitos para realçar as experiências sensoriais produzidas pela droga.

Liberdade num clima carregado de música, cores e drogas - nada se parece com os conceitos de liberdade defendidos por comunistas ou liberais, por exemplo.¹² Para destruir o “sis-

¹¹ informações sobre o grupo The Merry Pranksters extraídas de: Wolfe, Tom. *O Teste do Ácido do Refresco Elétrico*. Rio de Janeiro, Rocco, 1993;

¹² Herbert Marcuse seria o grande teórico desta linha, pois o pensador alemão propunha que, já que as classes trabalhadoras dos países desenvolvi-

tema” era necessário manter um comportamento bastante pouco técnico (quebrando um dos princípios básicos da tecnocracia, que é a dependência de técnicos), dando exemplos sociais alternativos para combater a ordem estabelecida (o que os hippies procuravam fazer com seus cabelos compridos, roupas coloridas e comportamento alternativo) e, principalmente, agindo com muita liberdade: liberdade sexual, visual, no uso de drogas, de tudo.

Como podemos observar, a televisão, um meio eletrônico, ajudou a criar novas representações para o mundo, o que não deixa de ser um pequeno reforço da idéia da pós-modernidade, que se expandiria a partir destes anos. A Contracultura, neste sentido, ajudou a criar uma série de relações do tipo “aqui e agora” - iniciando o imediatismo típico da pós-modernidade - pois, de um modo geral, seus membros lutavam por um “reino de prazer” num curtíssimo espaço de tempo e ao alcance de todos. Mas a complexidade do “sistema” (ou da tecnocracia), a reação conservadora de uma série de governos que acreditavam estar ameaçados pelos “revolucionários” e a própria falta de definições mais precisas dos grupos pertencentes à Contracultura acabariam por destruí-la. A derrocada da Contracultura, ainda na primeira metade dos anos 70, deu-se, além desses fatores, por justamente por fracassar num dos seus pontos básicos, a busca do “reino do prazer”: a pretensão de estender a “paz e o amor” para todos mostrou-se inviável e fracassou totalmente.

Mas a idéia de contestar o Sistema, um dos grandes ideais da década de 60, acabou sendo a grande lição deixada pela Contracultura e que Angeli saberia aproveitar muito bem.

dos estavam satisfeitas com a prosperidade econômica e com a segurança da orientação tecnocrática, restava às minorias o papel de lutar pela revolução, ou seja, negros, pobres, grupos radicais de países subdesenvolvidos e, logicamente, estudantes. A revolução comportamental era uma maneira de se combater a tecnocracia, ou seja, impor o chamado “Princípio do Prazer” contra o “Princípio da Realidade”, dinamitando a sociedade tecnocrática naquilo que lhe era mais importante, ou seja, na capacidade de reprodução e de ordenamento técnico. Marcuse, Herbert. *Eros e Civilização*. Rio de Janeiro, Saga, 1968;

Dentro dessa lógica, Angeli acabaria fazendo uma ponte entre a Contracultura e o Punk.

É difícil precisar quando começou o movimento Punk: provavelmente ainda nos anos 60, com a sonoridade radical e as letras urbanas que mostravam o “lado negro” das grandes metrópoles, com sexo, drogas, perversão sexual, elementos que afrontavam diretamente os ideais de “paz e amor” dos hippies, produzidas pelo conjunto Velvet Underground, que era apadrinhado pelo “papa” do Pop Art, Andy Warhol; talvez tenha sido fruto da insatisfação dos grupos “barulhentos” da cidade de Detroit, MC-5 e Stooges; talvez tenha sido a insatisfação com o rock pós-60, em particular o Rock Progressivo, com suas músicas longas, arranjos tecnicamente perfeitos e letras distantes da realidade, abrindo espaço para que o submundo de Nova Iorque apresentasse seus “filhotes”, como os conjuntos New York Dolls, Ramones, Patti Smith Group, etc.¹³

O Punk produzido em Nova Iorque foi, essencialmente, um movimento musical. Seu nihilismo estava na volta do rock’n’roll de três acordes, rápido, sem firulas, gostoso de ouvir e de curtir. Mas em Londres, um dos primeiros lugares do mundo a “interpretar” a música criada em Nova Iorque, o comportamento foi relativamente diferente: tendo o desemprego e a falta de esperança como “combustíveis”, esta nova geração, embora musicalmente fossem basear-se nos norte-americanos, acrescentou o elemento político, além de outras inovações: sadomasoquismo, correntes, o lixo da sociedade transformado em moda, cabelos curtos e arrepiados, alfinetes, críticas sociais profundas, inclusive contra a Rainha - o Punk (termo que a mídia aceitou e adotou rapidamente), de 1976 a 1978, surgiu e enfureceu a sociedade inglesa (e, depois, mundial) com suas atitudes críticas. Os grupos Sex Pistols e Clash foram os grandes representantes do Punk inglês.

O movimento Punk também contestaria a sociedade, mas sob uma ótica diferente: as críticas eram mais devastadoras e

¹³ informações extraídas de: McNeil, Legs e McCain, Gillian. McNeil, Legs e McCain, Gillian. Mate-me Por Favor - Uma História sem Censura do Punk. Porto Alegre, L&PM, 1997;

desencantadas. Ao contrário dos Híppies, que contestavam o mundo e propunham saídas (indiferentemente à consistência de suas propostas), o movimento Punk apresentava outras idéias: a crítica ao mundo era fundamental, mas **não havia futuro**.¹⁴

O Punk, na sua essência, durou muito pouco. Já em 1979 era a moda de muitas passarelas, enquanto que a parte musical ficava mais suave com um novo estilo musical denominado New Wave. A grande contribuição do Punk foi a fragmentação do rock'n'roll, que, depois da "explosão e implosão" provocadas pelo Punk, se dividiria em muitas e variadas vertentes - e a fragmentação é uma das características básicas da pós-modernidade. O rock'n'roll nunca mais conseguiria se reunificar.

Mas Angeli não fez parte da geração inicial do Punk. O personagem Bob Cuspe, o grande representante do Punk na revista, nasceu, inicialmente, como crítica aos punks. De acordo com Angeli:

*"Com ele (Bob Cuspe) aconteceu uma coisa engraçada. Eu o criei para criticar os punks. Para construir o personagem, li o 'O que é Punk'. Mas eu acabei me identificando. A música que eu ouvia, as minhas roupas e até o meu corte de cabelo acabaram sendo influenciados e eu virei um 'semipunk'."*¹⁵

É dentro dessa perspectiva crítica, entre a Contracultura e o Punk, que a revista *Chiclete com Banana* se enquadraria: muitas críticas baseadas na Contracultura, misturadas com o

¹⁴ nas palavras de Legs McNeil, um dos fundadores da revista Punk nos anos 70: "... o punk não tinha a ver com decadência, o punk tinha a ver com o apocalipse. Punk tinha a ver com aniquilação. Nada deu certo, então vamos direto pro Armagedon. Sabe como é, se você descobrisse que os mísseis estavam a caminho, provavelmente iria começar a dizer o que sempre quis, provavelmente ia se virar pra sua mulher e dizer: "Sabe, sempre pensei em você como uma vaca gorda." E foi assim que a gente se comportou." McNeil, Legs e McCain, Gillian. Op. cit., p. 274;

¹⁵ Angeli, entrevista denominada "Quadrinhos são como 'divã', diz Angeli." e publicada no jornal Folha de S. Paulo. Caderno "Ilustrada", São Paulo, São Paulo, Folhas, 01/12/99, p. 5;

niilismo e a falta de futuro do punk - ou, em outras palavras, **uma típica mistura Pós-Moderna.**

Para entendermos melhor esta mistura da Contracultura com o Punk, é melhor analisarmos a revista *Chiclete com Banana* e seus antecedentes imediatos, a imprensa alternativa brasileira dos anos 60 e 70, imprensa esta mais ligada à uma concepção política de esquerda e, em alguns casos, também à Contracultura.

“Chiclete com Banana” x Imprensa Alternativa dos Anos 60 e 70

A imprensa alternativa dos anos 60 e 70 nasceu da reunião de grupos de jornalistas e cartunistas para poderem criticar o regime militar e defender suas posições políticas, pois estavam, quase sempre, impedidos de atuarem na grande imprensa.¹⁶ Assim, inúmeros jornais “nanicos” foram criados dentro de esquemas artesanais e marginais. Além de criticar o regime, essa imprensa procurava apresentar projetos políticos para a sociedade brasileira, sendo que muitos desses jornais eram representantes de correntes políticas radicais de esquerda.

A tradição de se fazer uma produção artesanal e marginal foi mantida pela revista *Chiclete com Banana*: a revista começou a ser publicada em novembro de 1985 como um dos primeiros produtos da editora Circo Editorial, editora esta que procuraria especializar-se na produção de quadrinhos nacionais e para adultos a partir de um esquema artesanal de produção, mas procurando qualidade profissional.

Essa relação foi melhor demonstrada quando um dos leitores da revista *Chiclete com Banana*, na sua seção de cartas denominada “Upper-Cut - A Porrada do Leitor”, ao reclamar do elevado custo da revista, recebeu a seguinte resposta:

“Chiclete com Banana custa caro porque o papel é caro, o fotolito uma fábula, a impressão então... nem se

¹⁶ Kucinski, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários - nos Tempos da Imprensa Alternativa*. São Paulo, Scritta, 1991, p. 13;

fala; bimestral, porque não somos pasta de dentes, que é fabricada em série. Este gibi é um trabalho de autor. Suas páginas são lambidas uma a uma... num processo quase artesanal por uma minúscula equipe cu-de-ferro. Aí é que está o tesão. Somos marginais mas fazemos um produto profissional."¹⁷ (grifos meus)

Mas, na organização do produto, verificamos as primeiras diferenças entre a imprensa alternativa e a revista: *Chiclete com Banana* não é fruto da reunião de um grupo, mas sim uma iniciativa e um projeto de um homem só, ou seja, do cartunista Angeli (ligado, logicamente, aos membros da Circo Editorial), mesmo que contando com vários colaboradores (quase todos eram amigos do autor ou convidados). Nessa característica podemos encontrar uma das mais fortes representações da década de 80: **o individualismo**.

Mesmo assim, não podemos generalizar: o individualismo não foi uma característica incontestável ou absoluta da década de 80. Neste mesmo instante, surgiram no Brasil duas publicações igualmente críticas e satíricas: a revista *Casseta Popular* e o jornal *Planeta Diário* (que se juntariam para trabalhar na televisão, alcançando sucesso na Rede Globo no programa *Casseta & Planeta Urgente!*), sendo que a idéia de "patota", vinda do jornal alternativo *O Pasquim*, ainda prevalecia na imprensa.¹⁸ Mas o individualismo, representação típica da pós-modernidade, começou a ganhar maior espaço na década de 80, principalmente no seu final, que caracterizou-se com a explosão da informática, o que facilitou as iniciativas individuais. A revista *Chiclete com Banana*, mesmo não trabalhando com representações (diretas) da informática, mostrou os caminhos da individualidade como opção e como ação, antecipando o que iria ocorrer na década seguinte.

Quanto à crítica política sistemática e intransigente ao governo, uma das características básicas da imprensa alterna-

¹⁷ Angeli. *Chiclete com Banana*. N° 5, 1986, p. 37;

¹⁸ o conceito de "patota" como uma comunidade, e não apenas uma equipe, foi extraída de: Braga, José Luiz. *O Pasquim e os Anos 70: Mais Pra Epa que Pra Oba*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1991, pp. 181-182;

tiva, a revista *Chiclete com Banana*, mesmo fazendo críticas à política tradicional e ao governo, não as apresentava de maneira sistemática.

Uma explicação possível dessa linha é o fato da revista não ter nascido dos espaços fechados pela ditadura, pois quando a revista foi lançada a ditadura militar estava em decadência e a grande imprensa já não recebia tanta pressão e criticava o governo com maior liberdade. Não coincidentemente, a própria imprensa alternativa começou a desaparecer a partir deste momento.¹⁹ Mesmo observando esse fato, a revista também não criticaria de maneira sistemática os governos civis que se seguiriam após a queda do regime militar.

O que a revista procurava criticar, essencialmente, era a política de um modo geral. Na revista número 11, esse posicionamento fica claro: com o título “Polititica!”, a capa desta edição apresenta um homem de terno e gravata, representando a figura típica de um político tradicional de direita, engolindo literalmente uma criança vestida com o chapéu do Mickey.²⁰

Mas as críticas políticas apresentadas pela revista não se limitavam apenas à direita: o personagem Meiaoito, apresentado como um típico revolucionário do final da década de 60 e início da década de 70 e perdido nos novos tempos da década de 80, foi um veículo constante para o autor criticar as esquerdas de um modo geral. Como veremos no decorrer da pesquisa: **tanto a direita quanto a esquerda foram massacrados impiedosamente pela revista.**

Embora esse posicionamento pudesse lembrar, em muitos aspectos, o comportamento típico da Contracultura, linha que alguns jornais alternativos seguiram durante a década de 70, a revista *Chiclete com Banana* mostrou-se também crítica em relação à Contracultura de um modo geral. Os personagens Wood & Stock (clara referência **Festival de Woodstock**, um dos

¹⁹ Kucinski, Bernardo. Op. cit., p. 18;

²⁰ não apenas a política é satirizada nesta capa, mas também o consumismo das sociedades atuais. *Chiclete com Banana*, N° 11, 1987, capa;

ápices da Contracultura, ocorrido nos Estados Unidos em 1969) são apresentados como dois velhos hippies tentando sobreviver na década de 80, ainda carregando os costumes da época. Além desses costumes serem constantemente confrontados com os novos (e pouco utópicos) tempos, eles também foram sarcasticamente destruídos, como veremos mais para frente.²¹

Não estando inserida (diretamente) na Contracultura, o posicionamento da revista parece, num primeiro momento, ligado mais ao Anarquismo, mesmo sem seguir uma corrente definida. A presença do anarquista Glauco Mattoso (e da seção “Banana Purgativa”) a partir do número 11 e, posteriormente, a criação da seção “JAM” a partir do número 16, confirmam essa tendência.

Mas, caso seja possível entender a linha anarquista da revista, seu posicionamento aproxima-se do niilismo e ao minimalismo formal desenvolvido no final da década de 70 pelo movimento Punk, principalmente através do personagem **Bob Cuspe**. Suas “cusparadas” foram, talvez, a forma mais niilista e direta de crítica que algum artista brasileiro realizou naquele momento.

Outra característica relevante da revista foi que, ao contrário dos jornais alternativos, ela não procurou apresentar projetos políticos ao país, o que nos faz concluir é que a grande preocupação da revista **era o de satirizar a tudo e a todos, da maneira mais sarcástica e livre possível**. Essa idéia está presente no editorial do primeiro número:

“Não! Não vamos encher seu saco narrando as desventuras do desenhista nacional contra um bando de patos efeminados e não assumidos, pois você não comprou esta revista - ou gibi? - para ouvir lamúrias e nem vamos achar que humor é coisa tão importante a ponto de der-

²¹ Angeli criou estes personagens para satirizar alguns amigos seus que continuam com os mesmos ideais hippies dos anos 70. Angeli, entrevista concedida para o jornalista Boris Casoy no programa Passando a Limpo, Rede de Televisão Record, São Paulo, direção de Dacio Nitrini, gravada no dia 03/08/2000 e exibida no dia 06/08/2000;

rubar o governo da Cisjordânia, se é que lá tem governo. Queremos com esse gibi - ou seria revista? - apenas beliscar a bunda do ser humano para ver se a besta acorda."²²

Esta falta de foco crítico tornou-se quase que uma regra dos anos 80 e da imprensa, alternativa ou não: sátiras, pastiches e fragmentação. Esta falta de unidade temática (saturar tudo e todos não chega a ser um objetivo classificável como "único" ou "total") **é uma das características básicas da pós-modernidade.**

A falta de foco das críticas da revista, portanto, não foi acidental: os anos 80 não apresentaram grandes "focos" e a revista acabou representando este estado de coisas. E, ao mesmo tempo que representava, criava representações, pois seus leitores incorporaram esta fragmentação - **eis a relação básica que forma o imaginário social.**

Contextualização da Revista

A história da revista *Chiclete com Banana* se confunde totalmente com a vida de seu criador, o cartunista Angeli. O "paulistano roxo", segundo suas próprias palavras, Arnaldo Angeli Filho nasceu no dia 31 de agosto de 1956, ou seja, no "mês de cachorro louco", também conforme suas próprias palavras, na Casa Verde, periferia de São Paulo.²³

Angeli não foi um grande aluno na escola. Nas suas próprias palavras: *"A minha formação é bastante tosca, repeti quatro vezes o primeiro ginásial. Eu não conseguia solucionar algumas vergonhas e ignorâncias que tinha dentro de mim. Mexendo com meus personagens, eu consigo tratar desses problemas."*²⁴

Nos anos 60, o rock'n'roll e a Contracultura influenciariam a sua vida de maneira profunda, sendo que seu ídolo

²² Chiclete com Banana, N° 1, 1985, p. 3;

²³ informações extraídas do livro de desenhos: Angeli. Angeli Apresenta Chiclete com Banana - Cenas de Sexo, Drogas e Rock'n'Roll. 5ª ed., São Paulo, Circo Editorial, 1984, contracapa; Angeli. Entrevista "Quadrinhos são como 'divã', diz Angeli.". Op. cit;

²⁴ Angeli. Entrevista "Quadrinhos são como 'divã', diz Angeli.". Idem;

maior era Robert Crumb, um dos maiores cartunistas dos anos 60 e um dos mais destacados criadores do chamado “underground comix”, junto de Gilbert Shelton (criador dos Freak Brothers), Rick Griffin, S. Clay Wilson (famoso por desenhar uma história em quadrinhos onde Jesus aparece fazendo um *felatio* no diabo), Spain Rodrigues, Victor Moscoso, Robert Williams, entre outros.²⁵ Nas palavras de Angeli, Robert Crumb é um “Deus”: “Muita coisa que eu fazia na revista (nota: Chiclete com Banana) eram coisas que tinha armazenadas desde os quinze anos. Eu via os gibis do Robert Crumb e falava ‘quero fazer uma revista assim’.”²⁶

Sua carreira de cartunista propriamente dita iniciou-se aos 12 anos, quando ele criou o fanzine *Patatá* junto com seu amigo Toninho Mendes. Em 1970, aos 13 anos de idade, na extinta revista *Senhor* na sua fase paulista, um cartum de sua autoria foi publicado.²⁷ A partir daí, Angeli colaborou em praticamente todas as publicações brasileiras (entre elas a revista *Balão* que, nas palavras de Angeli, foi “a primeira revista de HQ moderna no Brasil”).²⁸

Em 1975, Angeli foi o primeiro colocado no 2º Salão de Humor de Piracicaba e, deste concurso, foi direto para a *Folha de São Paulo* publicar charges na segunda página, sendo o primeiro artista fixo neste espaço. De acordo com Angeli: “Eu não tinha uma noção geral do que estava acontecendo, fazia tudo meio de orelhada.”²⁹

Entre 1976 e 1978, Angeli passou a publicar cartuns no caderno “Folhetim” e parou com publicação de charges em

²⁵ informações extraídas de: Moya, Álvaro de. História da História em Quadrinhos. 3. ed., São Paulo, Brasiliense, 1994; e Campos, Rogério de. “Sangue e Elegância - A Imaginação Criminosa de Robert Williams, o Último Pintor da América.” In revista General. Nº zero, São Paulo, Conrad, 1988, pp. 68-75;

²⁶ Angeli, entrevista denominada “Entrevista com o Vampiro.” e publicada na revista: CyberComix. Nº 4, São Paulo, Bookmakers, 1998, p. 25;

²⁷ Angeli. Entrevista “Quadrinhos são como ‘divã’, diz Angeli.”. Op. cit.;

²⁸ Angeli. Chiclete com Banana - Remix. São Paulo, Circo Editorial, s/A, p. 4;

²⁹ Angeli. Entrevista “Quadrinhos são como ‘divã’, diz Angeli.”. Op. cit.;

1983. De acordo com o cartunista: *“Peguei meus personagens que já existiam, mudei o formato e levei-os para a Ilustrada.”*³⁰ Além da *Folha de S. Paulo*, Angeli colaborou também no *Jornal do Brasil* e no *Diário do Povo*, chegando, inclusive, a trabalhar, por pouco tempo, na revista em quadrinhos de humor *MAD*. Em 1984, seus personagens foram para a televisão no programa *8h30*, da rede Bandeirantes.

Nestes espaços o autor desenvolveria seus personagens, que logo fariam parte da revista *Chiclete com Banana*. Sobre a criação dos personagens, Angeli nos afirma que:

*“Eu faço o levantamento de tipos urbanos - o que comem, escutam, onde eles vão. Todos os meus personagens são palpáveis, você sempre conhece alguém que é parecido com eles. Não consigo criar ficção. A idéia inicial não é essa, mas os quadrinhos se tornam uma terapia para mim. É um enorme divã. Por exemplo, eu tinha uma certa vergonha por ser da periferia. Depois do Bob Cuspe, passei a ter orgulho da minha origem.”*³¹

Em 4 de abril de 1984, estreava na *Folha de S. Paulo* sua mais famosa personagem: Rê Bordosa. A “bêbada-drogada-desbocada-sexualmente ativa” captou a imaginação de milhares de leitores. Sobre a personagem Rê Bordosa, Angeli comenta que:

*“Ela acompanha a mudança de comportamento das mulheres. A Rê Bordosa representa aquelas mulheres que ficam agindo como homem para provar que têm liberdade - daquelas que enchem a cara no bar e depois vão para casa e ficam vomitando na bacia.”*³²

Na revista que trás a “morte” da personagem, os “Editores” procuraram comprovar a ligação entre ela e o seu público:

“Apesar de solitária, Rê Bordosa nunca deixou de ser, literalmente, amiga dos frascos e dos comprimidos e

³⁰ Idem;

³¹ Angeli. Entrevista “Quadrinhos são como ‘divã’, diz Angeli.”. Op. cit.;

³² Idem;

fez da sua banheira um verdadeiro rodízio de problemas sexuais alheios. Já os seus próprios problemas ela simplesmente deixava escorrerem pelo ralo. Esgoto abaixo.”³³

Logo, o cartunista tomaria contato com a *Circo Editorial*, uma editora formada por Chico Caruso e Toninho Mendes (sim, este último era amigo de infância do Angeli, como vimos), que procuraria se especializar na produção de quadrinhos para adultos no Brasil. Era uma editora pequena, mas que permitia total liberdade de criação para os seus artistas, além de uma distribuição nacional de médio porte - a editora utilizava-se da empresa Distribuição Nacional (Dinap), pertencente ao grupo da editora Brasiliense.

Os primeiros produtos da nova editora foram pequenos livros de cartuns e desenhos dos autores da casa: Chico Caruso, Glauco, Luiz Gê, Rubem Grilo e, logicamente, Angeli. Este último conseguiu um expressivo sucesso de vendas com os livros *Angeli Apresenta Chiclete com Banana - Cenas de Sexo, Drogas e Rock'n'Roll* e *Chiclete com Banana Apresenta Rê Bordosa e Bob Cuspe*, sendo que cada um deles chegou a ter várias edições, algo raro no Brasil para uma empresa relativamente pequena e com possibilidades médias de distribuição.

O termo “Chiclete com Banana”, que daria o nome dos livros e, depois, da revista, de acordo com Angeli, surgiu: “Por causa da música do Jackson do Pandeiro que fala da mistura de elementos norte-americanos (chiclete) com brasileiros (banana). Eu tenho muita influência dessa cultura: Robert Crumb, rock, hippie, mas faço um trabalho bem brasileiro.”³⁴

Este sucesso inicial iria estimular a criação de uma revista bimestral sob a supervisão de Angeli. A aventura da revista *Chiclete com Banana* iria começar.

³³ Angeli. “Editores.” In *Revista Rê Bordosa - A Morte da Porrалouca*. São Paulo, Circo Editorial, 1987, p. 4;

³⁴ Angeli. Entrevista “Quadrinhos são como ‘divã’, diz Angeli.”. Op. cit.;

Início e Consolidação

A revista que chegou nas bancas no final de 1985 tinha um formato 21 x 28 cm, com a capa e contracapa coloridas, mas seu conteúdo era apresentado em preto e branco, com histórias em quadrinhos e matérias escritas. Logo na capa desta primeira edição encontramos o desenho da personagem mais conhecida do Angeli, ou seja, a Rê Bordosa deitada na sua famosa banheira.

O editorial desta primeira edição não deixava dúvidas quanto ao conteúdo e intenção da revista: sob o título “Na Quebrada da Esquina”, ele apresentava um desenho do Pato Donald andando, durante a noite, num beco e, numa esquina escura, esperando por ele, nada mais nada menos do que Bob Cuspe e sua turma - um pessoal que odeia o pato mais famoso da família Disney.³⁵

O texto do editorial também não deixava por menos: a intenção do autor era “fazer um gibi - ou seria uma revista? de galhofa para galhofeiros” e para “beliscar a bunda do ser humano para ver se a besta acorda”,³⁶ passagens que já citamos anteriormente.

Algumas seções seriam mantidas no decorrer da publicação da revista, como a “Coluna do Paixão” (o personagem Benevides Paixão, um repórter invariavelmente obrigado a cobrir a seção de Turfe, se encarregava de gozar a imprensa),³⁷ que duraria apenas alguns números; “Edi Campana” (espaço *voyerístico*, cheio de histórias sexuais impossíveis e engraçadas, além de belas fotos de belas mulheres em posições nada ortodoxas); as fotonovelas (absurdas e completamente amalucadas), que começariam a ser publicadas a partir do número 7; a já citada seção de cartas “Upper-Cut - a Porrada

³⁵ Chiclete com Banana. Nº 1, 1985, p. 3;

³⁶ Op. cit.;

³⁷ de acordo com o próprio Angeli, o personagem apenas funcionou para o pessoal que trabalhava na imprensa, mas não agradou o resto do público. Angeli, entrevista concedida para o jornalista Boris Casoy no programa Passando a Limpo. Op. cit.;

do Leitor”; e, sempre fechando a revista, um convidado especial com uma história inédita (Luiz Gê, Laerte, Glauco, Paulo Caruso, entre outros).

A revista deu um espaço maior para que Angeli desenvolvesse melhor os seus personagens, dando-lhes uma história de vida e personalidade melhor definidas. Já no número 1 foi contada as origens de Bob Cuspe,³⁸ além de um aprofundamento maior na vida da Rê Bordosa (inclusive apresentando sua “entrevista” para o “intrépido” Benevides Paixão);³⁹ no número 3, a vida do guru trambiqueiro Rhalah Rikota ganhou grande destaque, inclusive com a presença do seu “mestre”, Mr. Natural, o guru trambiqueiro de Robert Crumb (criado para gozar a onda de gurus que varreu o mundo no final dos anos 60); isso sem contar, logicamente, com o personagem “Angeli em Crise”, personagem este presente em quase todas as revistas, onde o Angeli mostrava sua opinião ácida sobre tudo e todos.⁴⁰ A influência de Crumb no trabalho Angeli pode ser melhor observada neste personagem, como nos relata o cartunista:

“Eu tenho muita dessa coisa do Crumb de me esfaquear na frente do leitor. É o caso da série ‘Angeli em Crise’. “A primeira vez que fiz ‘Angeli em Crise’ eu estava achando todos os meus personagens chatos, não conseguia criar. E publiquei uma tira comigo em cima de uma prancheta me queixando da minha falta de criatividade. Depois recebi uma carta de Curitiba. Era um casal que acompanhava meu trabalho e me pedia para não desanimar. Foi muito legal: era o autor conversando com os leitores.”⁴¹

Outros personagens foram surgindo no “universo Chiclete com Banana”: Mara Tara, uma médica infectada por um vírus que a transforma numa mortal ninfomaníaca, apareceu

³⁸ Chiclete com Banana. Nº 1, 1985, pp. 5-14;

³⁹ Op. cit., pp. 21-30;

⁴⁰ Chiclete com Banana. Nº 3, 1986, pp. 29-37;

⁴¹ Angeli. Entrevista “Quadrinhos são como ‘divã’, diz Angeli.”. Op. cit.;

pela primeira vez no número 5 (ao lado do machista Bibelô) e ganharia as capas das edições de número 7 e 14; a Vaca existencialista que foi para o brejo surgiria no número 6; histórias curiosas e surrealistas fariam grande sucesso, como a “Revolta dos Eletrodomésticos”, publicada no número 11.⁴² Até mesmo um personagem para controlar o ego do autor foi criado. Sobre o Walter Ego, Angeli afiança que: “Eu o fiz em uma época em que as minhas tiras eram uma coqueluche. Toda vez que eu entrava em um bar era a maior festa. É muito fácil virar um bundão nessas horas. Com o Walter, eu acabei me policiando.”⁴³

O sucesso do *Chiclete com Banana* estimulou a Circo Editorial a criar novas publicações, como a revista *Circo*, que apresentava histórias de seus contratados (Laerte, Glauco, Luiz Gê, entre outros) junto com desenhistas estrangeiros, fazendo relativo sucesso. Glauco logo teria a sua própria revista, *Geraldão*, assim como o Laerte com *Os Piratas do Tietê*.

No número 11, a revista *Chiclete com Banana* começa a mudar sensivelmente. O “humor dark e grosseiro”, nas palavras de Álvaro de Moya,⁴⁴ continuava cada vez melhor, mas se tornaria completamente anárquico com o surgimento de uma nova seção: “Banana Purgativa”, criado pelo anarquista Glauco Mattoso.

Em 1987, o fenômeno *Chiclete com Banana* se consolidou ainda mais através da “morte” da personagem Rê Bordosa, que chegaria a ganhar um número especial que vendeu cerca de 150 mil exemplares. A revista fez um balanço da vida da personagem, do seu nascimento até sua morte “trágica”: quando o seu marido, o *barman* Juvenal, pediu para que eles tivessem filhos, a pobre coitada acabou explodindo, pois estava infectada pelo vírus “Tédus Matrimonius”, numa clara alusão satírica ao tédio do casamento.⁴⁵

⁴² *Chiclete com Banana*. Nº 11, 1987, pp. 31-35;

⁴³ Angeli. Entrevista “Quadrinhos são como ‘divã’, diz Angeli.”. Op. cit.;

⁴⁴ Moya, Álvaro de. Op. cit., p. 196;

⁴⁵ Angeli. Revista Rê Bordosa - A Morte da Porrалouca. Op. cit.;

Era o fim da personagem mais famosa do Angeli. Mas era o começo da melhor fase da revista *Chiclete com Banana*.

Apogeu de uma Idéia

O número 12 trouxe o apogeu comercial da revista, com suas tiragens atingindo uma média de 100 mil exemplares, além da presença de publicidade de uma grande empresa - a Levi's, que anunciou suas calças jeans. Era um sucesso comercial raro no Brasil, tomando-se em conta o tamanho da empresa e suas dificuldades de divulgação e distribuição, como já comentamos sobre o sucesso dos livros de humor do Angeli.

Em termos artísticos, a revista também encontrou o seu apogeu. Foi nesse número que apareceu, pela primeira vez, *Los Tres Amigos*, esforço coletivo dos "três amigos" Angeli-Glauco-Laerte, que atingiriam grande sucesso de público.⁴⁶ Outros personagens surgiram neste período: Rampal, o Paranormal (um sujeito com poderes paranormais amalucados), capa do já citado número 12; Histórias de Amor (gozação implacável aos relacionamentos amorosos), capa do número 13; Osgarmo (que chegava ao auge sexual precocemente, bastando olhar ou tocar em alguém); e o grande sucesso desta fase, Os Skrotinhos, a versão "hardcore" (estilo musical bastante pesado oriundo do punk rock) dos Sobrinhos do Capitão, um clássico das histórias em quadrinhos norte-americanas.

Glauco Mattoso mostraria sua opção pela pedolatria. No número 15, "o lado Velvet Underground" da revista ganharia um espaço definitivo com as histórias urbanas, cheias de prostitutas, gigolôs, garotas menores transando ou sendo prostitutas (ou prostituídas), drogados e outras figuras da noite no traço sofisticado de Luiz Gustavo. A história inaugural deste autor não deixava por menos em termos de sexo e violência: um rapaz transa com uma prostituta morta (com um tiro na cabeça dado por ele mesmo), matando-se no final.⁴⁷ Lou Reed, membro e líder do extinto grupo Velvet Underground, não ficaria decepcionado com esta história.

⁴⁶ Chiclete com Banana. Nº 12, 1987, pp. 25-30;

⁴⁷ Chiclete com Banana. Nº 15, 1988, pp. 45-50;

Como podemos perceber, o “clima” da revista ficou bem mais “pesado” - a liberdade começava a ser surpreendente e avançado, mostrando o elevado grau de anarquismo que a revista estava atingindo.

Mas a grande inovação da revista nesta fase foi a criação do “suplemento” JAM (clara referência aos típicos suplementos de revistas femininas ou de televisão, como *Cláudia*, *Amiga*, *Contigo*, entre outras), que surgiu no número 16. O “Órgão Oficial da Associação das Idéias Confusas”, como foi chamado pelos seus autores, deu espaço e substância para todo o anarquismo da revista: sexo (de todas as formas possíveis e imagináveis), drogas (logo neste primeiro número, foi feita uma referência ao filme *Tempos Modernos*, onde Chaplin, interpretando o personagem Carlitos, cheirou cocaína sem querer, sendo necessários “cinquenta policiais para amansar a fera”),⁴⁸ rock’n’roll, política (críticas ácidas, tanto para a política institucional ou não), entre outras coisas. O suplemento “resumia” a essência da revista.

O JAM do número 18 realizaria uma das críticas mais contundentes contra a imprensa brasileira já feitas. Na virada de ano de 1988 para 1989, o iate Bateau Mouche, sobrecarregado de pessoas que pagaram para passar o réveillon dentro do mar, naufragou, matando 55 passageiros, inclusive uma atriz global, Yara Amaral.

A revista *Veja*, aproveitando a comoção nacional que o acidente provocou, escreveu furiosa matéria sobre a irresponsabilidade e a falta de segurança deste tipo de empreendimento. O curioso foi que, um ano antes, a mesma revista publicou uma matéria elogiando este tipo de empreendimento. Comentando a diferença produzida pelo intervalo de um ano depois, o artigo diz que:

“Um ano depois, a tragédia. Enganando seus leitores pela segunda vez, Veja assume uma postura cínica e de falsa indignação diante das 55 mortes ocorridas em consequência do naufrágio do Bateau Mouche. De Maneira

⁴⁸ Chiclete com Banana. Nº 16, 1988, p. 31;

falsamente moralista, investe-se no papel de defesa do cidadão, depois de tê-lo iludido e induzido ao maior logro dos últimos tempos. A revista Veja precisa assumir que é enganada pela realidade e que há irresponsabilidade jornalística nesse episódio, pois ela é uma das culpadas por esses barcos estarem cheios de gente.”⁴⁹

Poucos ousavam, neste período, criticar a imprensa brasileira “caçada pela ditadura nos anos 60 e 70” - e a revista *Chiclete com Banana* foi uma das únicas publicações que tiveram coragem do fazê-lo - e de fazê-lo bem.

Mesmo a criatividade e críticas, inteligentes ou grosseiras, desta seção não iriam manter a revista viva.

Decadência e Fim

As vendas começariam a despencar a partir dos números 19 e 20. Não foi possível estabelecer as reais causas desta diminuição das vendas. O conteúdo da revista, como comentamos antes, era bastante polêmico e pode ter afastado o público original, mais interessado nos antigos quadrinhos, cheios de críticas e sátiras diretas e não tão anárquicos como a seção JAM ou os quadrinhos “barra-pesada” de Luiz Gustavo e a “liberdade sexual anárquica” do Glauco Mattoso.

Questões econômicas estão mais relacionadas com o fim da revista. O próprio Angeli concorda com essa tese:

“Chiclete com Banana tava abrindo um espaço pro quadrinho, foi crescendo, aí uma merda de um plano econômico quebrou o processo desse mercado e não houve mais quem reerguesse.”⁵⁰

O plano econômico a que Angeli se referiu foi o chamado “Plano Collor”. O plano, além de abalar os produtores (que perderam muito com o congelamento dos ativos nas contas bancárias, além da elevação do preço do papel, entre outros custos operacionais), não controlou a inflação e a queda do

⁴⁹ *Chiclete com Banana*, Nº 18, 1989, p. 28;

⁵⁰ Angeli. Entrevista “Entrevista com o Vampiro.”. Op. cit., p. 25;

poder aquisitivo da população, o que se transformou numa mistura fatal para a revista, que começou a ter tiragens de apenas 9 mil exemplares.

Embora atingida pela extrema crise financeira do país, vendo suas tiragens diminuírem a cada edição, além do aumento dos custos, sua qualidade estética e artística não foi abalada: a revista conseguiu grande qualidade nestes números finais. Newton Foot e seus quadrinhos “orientais” fechavam a revista com grande categoria, a partir do número 22.⁵¹ Neste mesmo número, iniciou-se uma série de matérias contando a história da Geração Beat, o que ligava definitivamente a revista à Contracultura. A criatividade continuava, apesar da crise. De acordo com Angeli:

“Ela (a revista) me deu retorno financeiro - até o Plano Collor, claro. Por algum motivo, ele tinha um discurso forte e abriu espaço para um mercado que não existia. Talvez o motivo sejam os tipos urbanos que apareciam nela e o fato de ser uma revista de humor para adultos. O que eu mais gosto de ouvir é dizerem que começaram a desenhá-la por causa da revista - é o caso do Adão Iturrusgarai.”⁵²

Mas tais esforços não foram suficientes para manter a revista. O último número da revista, 24, não deixa de apresentar um momento melancólico: a matéria “Beat, Hippie, Contracultura”, da série sobre a Geração Beat, terminava com uma foto do escritor Beat William Burroughs e, embaixo dela, os dizeres de “Continua no Próximo Número”,⁵³ número este que jamais chegaria a existir. A aventura *Chiclete com Banana* chegava ao fim.

Representações

Espaço Urbano

Para expor suas críticas à sociedade, a revista estava inserida dentro de um espaço específico: **o espaço urbano**. Seus

⁵¹ Chiclete com Banana. N° 22, 1988, p. 58;

⁵² Angeli. Entrevista “Quadrinhos são como ‘divã’, diz Angeli.”. Op. cit.;

⁵³ Chiclete com Banana, N° 24, 1989, p. 18;

personagens agiam e interagiam dentro das grandes cidades, com todos os seus espaços e representações típicas: os bares da noite, as danceterias, as “tribos urbanas”, os jovens “pós-modernos”, a solidão no meio do “gigantismo”, etc.

Uma curiosa comparação entre o campo e a cidade foi feita na história “Mateus Matos em Vida Besta”, onde o personagem do título, admirando uma linda paisagem campestre, elogiou as virtudes da vida do campo: “*Aqui não sou ameaçado pelo trânsito assassino, pelas multidões enfurecidas, pelo crime organizado, pelos gases mortais, pelas pestes fatais, pelos produtos químicos, pela água contaminada...*”⁵⁴ Mas, picado por um inseto, o personagem, agonizando, muda rapidamente de opinião: “*Meu Deus! Morrerei aqui sozinho, sem ajuda... sem socorro... sem nada! Nenhuma ambulância, um telefone público, uma viatura policial... que lugar é este que não passa um táxi, um transeunte... nem um bar aberto...*”⁵⁵

Angeli utilizava-se essencialmente do espaço urbano para realizar todas as suas críticas, embora não de maneira específica ou sistemática. A década de 80 foi, essencialmente, um momento de grande presença das cidades na vida do país, alterando definitivamente as relações de poder entre o campo e a cidade, consolidando o poder a esta última. Esta mudança iniciou-se desde da década de 50, mas ganhou contornos mais definidos na década de 80.⁵⁶ Também não podemos esquecer que **a sociedade pós-moderna é, basicamente, uma sociedade urbana**,⁵⁷ aspecto que a revista sempre ressaltou.

Vamos observar as visões da revista *Chiclete com Banana* sobre os tipos urbanos.

⁵⁴ Chiclete com Banana. Nº 17, 1989, p. 33;

⁵⁵ Op. cit.;

⁵⁶ Skidmore, Thomas. Brasil: de Castelo a Tancredo - 1964-1985. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988;

⁵⁷ o espaço urbano contém maior circulação financeira e tecnológica, sendo que as grandes cidades cada vez mais se transformam em espaços para oferecimento de serviços do que para produção industrial. Ferreira, Wilson Roberto Vieira. O Caos Semiótico: Comunicação no Final do Milênio - Ensaios de Crítica da Comunicação. 2.ª ed., São Paulo, Terra Editora, 1997;

O “Ser-Humano”

A filosofia de vida de Angeli sobre o ser humano pode ser sintetizada na matéria “Bob Cuspe - Encanação Total”, onde o personagem está dentro de uma privada e filosofa sobre a vida: “Esgotos, bueiros... encanamentos entupidos... Dizem por aí que a vida é uma... MERDA! Mas eu, BOB CUSPE, discordo! A vida não é uma merda! ... são várias!”. E, do seu lado, foi desenhado várias pessoas, igualmente dentro de várias privadas, perdidas nos seus pensamentos - e, para Angeli, nas suas mediocridades.⁵⁸

Na história “Bob Cuspe - As curvas da Estrada de Ubatuba”, encontramos o publicitário Paulo Alberto e sua família viajando para a praia em seu carro importado. Apesar dos pedidos da sua esposa para que ele diminuísse a velocidade, Paulo Alberto não os levou em consideração, gabando-se de que seu carro era “super seguro” e que tinha sido “hiper testado nos Estados Unidos”. Logo, ele afirmou que tal carro não é para qualquer “pé-de-chinelo” e que todos os seus colegas de trabalho morriam de inveja dele - nem seu chefe tinha um destes. “Nesse métier a gente tem que almoçar as pessoas... antes que elas nos jantem.”, ele afirmou. “Tem de ter talento pra se vender papel higiênico.”, Paulo Alberto continuou. “Escrúpulos e propaganda não combinam.”, ele concluiu. O carro encontrou nada mais nada menos do que Bob Cuspe no meio da estrada, fazendo com que Paulo Alberto estacionasse. O punk, então, perguntou se o motorista era Paulo Alberto e, depois da confirmação, Bob lhe deu uma tremenda “cusparada”.⁵⁹

Essas críticas ao ser humano tipo classe média e “normal” ganhariam uma representação eloqüente com o personagem Aderbal - apresentado como o sujeito mais normal do mundo. Acordando de manhã e sentindo-se um “ser feliz”, ele espera que o dia seja especial com uma bela garota notando-o, mas sua consciência crítica (um monstinho que surge no espelho) o desanima completamente.

⁵⁸ Chiclete com Banana. N° 3, 1986, p. 23;

⁵⁹ Chiclete com Banana. N° 11, 1987, p. 47-49;

Entre vários argumentos, a consciência crítica de Aderbal diz que ele *“Não é bom na cama, não é famoso... peida enquanto dorme... faz xixi fora do vaso... só diz bobagens... é mais burro que uma porta... não dá, Aderbal!”*. No final, o desconsolado Aderbal se mata com um tiro na cabeça, acertando também sua consciência que, agonizando, reclama: *“Casseta! Eu não aprendo mesmo. Levo tudo até as últimas conseqüências... ô, boca!”*⁶⁰

Em outra história com o mesmo personagem, Aderbal estava debatendo consigo mesmo no banheiro, diante do espelho, sobre sua condição de *“ridículo”*, pois, como ele mesmo se definia, *“não tem pinta de pós-moderno... não é bolerão, não tchuns nem sai de cima... não é nada. Não desperta paixões... não sabe das coisas... nunca foi um bruta montes. O Rambão das mulheres. Muito menos sensível, inteligente... delicado...”* Revoltado com sua condição de *“babacão”*, Aderbal conclama para si mesmo: *“Tenha vergonha na cara e tome uma atitude. Rompa com os medíocres. Brigue com a família... esmurre seu patrão. Faça alguma coisa na vida. Senão, continuará sendo o mesmo babaca de sempre... o mesmo imbecil!!”* Logo, sua esposa grita e pergunta o que ele fazendo no banheiro que tanto ficava resmungando e ele, então, bastante contido, respondeu: *“Espremendo espinhas, oras!”*⁶¹

Tais histórias demonstram a desaprovação de Angeli perante os valores da chamada *“classe média”*, em particular da sua valorização dos aspectos materiais e pelos seus desejos de apenas subir na vida - valores estes que, mais do que nunca, estiveram em grande evidência na década de 80 -, além de criticar a também a sua típica apatia perante a vida, sempre procurando *“segurança”*.

As relações homem e mulher também foram tratadas pela revista. Na matéria *“Angeli em Crise”* do número 4, uma mulher consola o angustiado Angeli, não por causa de uma eventual *“brochada”* por parte dele, mas por ele ter deixado escapar *“um punzinho na hora de transar”*.⁶²

⁶⁰ Chiclete com Banana. Nº 6, 1986, pp. 29-32;

⁶¹ Chiclete com Banana. Nº 9, 1987, p. 13;

⁶² Chiclete com Banana. Nº 4, 1986, p. 4;

Numa pequena tira, o personagem Meiaoito conheceu uma mulher “liberada” que não falava sobre outra coisa: “Sacou? Liberada!”, “Sabe? Totalmente liberada!”, “Free!”, “Livre! Livre!”. Indagada por Meiaoito sobre esta constante repetição, ela respondeu: “Pois é, ainda não consegui me liberar disso!”⁶³

Numa das tiras de “Histórias de Amor” do número 23, o homem chamou sua parceira de gostosa e disse que gostaria de transar com ela, seno que ela respondeu que ele sempre usava o mesmo papo. Indagado se ele não poderia dizer algo mais excitante, o homem respondeu: “Você sabe jogar ping-pong?”⁶⁴

A década de 80 mostrou que os típicos modelos de família “papai-mamãe-filhos” e da submissão da mulher perante o homem, representações estas criadas e consolidadas durante o século XIX até a década de 50 do século XX e “arrebentadas” nas décadas de 60 e de 70 (quer pela contestação de valores familiares, quer pelo feminismo ou quer, principalmente, pela busca do imediato - o que esbarra na idéia da formação de famílias, pois estas são instituições sociais pensadas em “longo prazo”), estavam definitivamente “quebradas”.⁶⁵ O modelos monolíticos e incontestáveis não funcionavam mais da maneira como funcionavam antes e davam lugar para os novos e fragmentados tempos - ou, em outras palavras, **a tempos pós-modernos**.

A solidão das grandes cidades também encontrou relevo na obra do Angeli. O próprio Angeli, reclamando por estar fazendo desenhos “idiotas” às 3 da madrugada, “sozinho... sem carinho...”, tentou ligar para Luíza Brunet e, sem querer, acabou ligando na casa de um tal de Armando que estava “dando uma cagada, porra!” Logo, ele resolveu voltar aos “desenhinhos idiotas!”⁶⁶

⁶³ Angeli. Angeli Apresenta: Chiclete com Banana - Cenas de Sexo, Drogas e Rock'n'Roll. Op. cit.;

⁶⁴ Chiclete com Banana. Nº 23, 1990, pp. 10-11;

⁶⁵ Ferreira dos Santos, Jair. Op. cit.;

⁶⁶ Chiclete com Banana. Nº 3, 1986, p. 4;

Na história “A Vaca vai pro Brejo”, Angeli recebeu uma inusitada visita: uma vaca que contou sua agitada vida e suas experiências. No final história, ela tem um caso com o cartunista (que estava “cansado dessas garotinhas por ai... são todas umas bundinhas!”). E fechando a história:

“O que é a carência, caros leitores! É capaz de levar as pessoas a uma eterna procura. Mas o problema da mimosa vaquinha o nosso admirado autor já resolveu no entanto, a besta esqueceu de terminar as cinco últimas páginas da revista, tendo assim que pagar uma bruta multa na gráfica e carregar a culpa de ter deixado a vaca ir pro brejo.”⁶⁷

Uma vida rica em experiências (a da vaca) “seduziu” o cartunista que estava cansado das “garotinhas bundinhas” de vida superficial - eis uma crítica (pouco) sutil ao “vazio” da juventude da década de 80. Apesar de existir uma grande diferença de idade (e de mentalidade) entre o cartunista e a juventude da época, Angeli desconsiderou este fato e não parou de criticar esta juventude e sua “superficialidade” em momento algum.

Podemos encontrar referências à superficialidade em quase toda a sua obra. Na matéria “Vanguardeiros”, Angeli nos apresentou Liane Blaun: *“Irriquieta coreógrafa. Há anos desenvolve, com seu grupo de dança, um trabalho que extrai movimentos do estático. Em seus espetáculos os bailarinos ficam horas parados na mesma posição, apesar dos ovos vindos da platéia.”⁶⁸* E Seik Spir: *“Diretor e ator de teatro dos mais modernos. Não deixa espaço para o tradicionalismo nas peças que dirige, dispensando a utilização do palco, da iluminação, dos atores, do script e inclusive do público. Aliás, ele nem sai de casa. Fica lá tomando umas bramas, coçando o saco... e o teatro que se foda.”⁶⁹*

A “moda” de seguir a moda que, para Angeli, era um comportamento completamente superficial, foi também um dos

⁶⁷ Chiclete com Banana. Nº 6, 1986, pp. 5-9;

⁶⁸ Chiclete com Banana. Nº 7, 1986, p. 32;

⁶⁹ Op. cit., p. 33;

temas mais abordados pela revista. Na matéria “Somos Todos Idiotas”, lemos o seguinte comentário quanto a este ponto:

*“A moda sempre esteve presente na vida idiota de um idiota. Em tudo que esteja na crista da onda ele embarca. Topetes fosforescentes, orelhas de abano, olhos de vidro, seja o que for. Quando uma atrizeca qualquer da Globo corta o cabelo, um monte de idiotinhas cortam atrás.”*⁷⁰

Na matéria “Tipinhos Brasilis”, os intelectuais, outra fonte de superficialidade para o cartunista, foram implacavelmente satirizados:

***Socialite Inteligente** - Leu As Brumas de Avalon e Rumo à Estação Finlândia, pronto, já é uma intelectual. Fez umas ceramiquinhas no fundo de casa, é artista; pintou umas duas ou três camisetas, é ovacionada como uma grande estilista. “Ela pensa, gente!”, dizem os colunistas. Obrigado por avisarem, caso contrário, ninguém acreditaria.”*⁷¹

Na história “Assim Caminha a Humanidade ou As Histórias mais Darks do Mundo”, um típico jovem da década de 80 vai andando feliz para encontrar-se com seu pessoal, ou seja, as “mesmas pessoas de ontem e de antes de ontem.” Ficando mais desanimado, o jovem vai falando para si mesmo que ficará bebendo e se drogando e, “lá pelas tantas”, ficará carente, tentará um romance e, diante das recusas, partirá para a ignorância e dará vexames. Já no bar, o *barman* pergunta o que ele vai beber e o desconsolado jovem responde: “O de sempre!”⁷²

Esta “superficialidade” (dentro dos conceitos do autor, ressaltamos) seria uma das temáticas básicas da revista. A revista conseguiu retratar a sua época, pois os valores sociais e morais começaram a ser fragmentados e apresentados de maneira acelerada no Brasil, a partir deste momento. A “superficialidade” das relações humanas pode ser vista como um sin-

⁷⁰ Chiclete com Banana. Nº 1, 1985, p. 19;

⁷¹ Chiclete com Banana. Nº 12, 1987, p. 23;

⁷² Chiclete com Banana. Nº 6, 1986, p. 37;

toma da pós-modernidade, onde os valores são fragmentados e instáveis - ou dando a impressão de serem “superficiais”.

As “tribos urbanas” são representações típicas da fragmentação dos anos 80.

Tribos Urbanas

A existência de “tribos urbanas”, um dos fenômenos típicos da cidade de São Paulo e dos grandes centros urbanos do mundo, foi bastante retratada e satirizada pelo cartunista em matérias como *Psico-Burguês*⁷³ e o *New Imbecil*. Aliás, este último foi uma das criações do Angeli mais interessantes dentro desta linha.

A matéria sobre o *New Imbeciw* procurou mostrar a ascensão de queda de um imbecil que, como todos os outros, “*almejava uma promoção no banco, um carro novo, cartões de crédito... e outras imbecilidades.*”⁷⁴ Cansado do anonimato e estimulado pelo som de “uma banda imbecilíssima”, um cidadão comum (que apresentava quase a mesma representação do Aderbal) se transformou no *New Imbeciw*, “uma figura incrivelmente tchans, moderna”. Ele se transformou num fenômeno, dando entrevistas, transando com as mais lindas mulheres e tendo sua foto nas principais revistas.

Logo, ele foi copiado e superado por outros *News Imbeciws*, sendo, logo, desprezado por todos (até sua mãe lhe disse “não encha o saco”). Então, ele vive a procurar novos “tchans”, pois já estava cansado de “assistir vídeoclip e cheirar cocaína!”⁷⁵

Entre os “tipinhos” *New Imbeciws*, encontramos o *New-Nacionalista*, o *New-Colonizado* (“Pego as informações, mastigo, digiro tudo o que não presta eu boto fora... o que presta eu... eu... Droga! Vou ter que ir ao banheiro de novo!”), a *New-Mulher* (que tem uma grande amizade com seu filho, conversando tudo com ele, mas “pena que ele tem apenas dois meses

⁷³ Chiclete com Banana. Nº 9, 1987, pp. 5-9;

⁷⁴ Chiclete com Banana. Nº 4, 1986, pp. 16-18;

⁷⁵ Op. cit.;

de idade”), o New-Homem (que prefere jogar vídeo-game a fazer sexo, pois este último é “sacal”), o New-Cineasta (que procura uma “istética urrbana de fim de século”), o New-Jornalista, o New-Ator, o New-Roqueiro, o New-Político (não foi apresentado imagem deste, pois, na área da política, “ainda reina os imbecis de antigamente”), o New-Bossa-Nova, o New-Crítico e o New-Humorista (o próprio Angeli, dizendo: “Não tenho saco pra nada! Acho todo mundo imbecil!”⁷⁶

Muitas das “tribos” nasceram dos Pós-Modernos, ou melhor, das imagens construídas *pelos e/ou para eles*. Sugerindo fantasias para o carnaval de 1986, Angeli nos apresentou uma pós-moderna:

“Se você é pós alguma coisa e pré outra... console-se, meu chapa! Você não é nada. Apenas um mero antes e depois. Nunca um durante. Mas, a mulherada gosta. Então, nada mais rendoso que fazer o gênero. Porém não se espante se todo mundo no salão estiver fazendo o mesmo.”⁷⁷

Podemos encontrar relações de pós-modernidade na matéria “The Fate of Mankind or The Foolish Stories of the World”, onde um jovem casal está dançando e a garota mostra-se extremamente internacional (acha o bar “Berlim puro”, gosta de rock inglês, de cinema francês, sonha em viajar para Amsterdã, considera que o máximo de “modernidade da urbanidade” está na cidade de New York “na veia!”), mas, para surpresa do seu par, ela é “Daqui do Jabaquara, mesmo!”⁷⁸

Tal história nos mostra fragmentação, urbanidade, globalização misturada com regionalidade - **eis a mistura pós-moderna por excelência.**

Rock’n’Roll dos Anos 80

O novo rock’n’roll dos anos 80 parecia frágil para Angeli. As gozações sobre a onda do rock *New Wave* brasileiro (tam-

⁷⁶ Chiclete com Banana. N° 2, 1985, pp. 34-35;

⁷⁷ Chiclete com Banana. N° 3, 1986, p. 13;

⁷⁸ Chiclete com Banana. N° 5, 1986, p. 12;

bém conhecido como “Rock Nacional”), que fazia sucesso na época, foram uma constante na revista.

Logo no número 1, a matéria “Angeli Produções” apresentou o HIT HIT HURRA, com o “melhor do rock” e “bandas” como Partido de Oposição, Escândalo Financeiro, Aviso Prévio, Tropa de Choque, Cheque Sem Fundo, Casa de Detenção, A Luta Continua e Cola de Sapateiro. Os comentários sobre esta última “banda” são interessantes: “Banda pesada. Em suas apresentações tomam o público de assalto. Levam tudo. Formada nos porões da Febem por menores abandonados. Seu maior hit é ‘Mamãe Eu Quero!’”⁷⁹

Na matéria “A Luta Continua” (que apresentava as mais absurdas greves), o descaso de Angeli pelas novas bandas é notório:

*“Grupos de Rock - Eles que me desculpem mas chegou a hora de uma paralização total de suas atividades para uma profunda avaliação nas idiotices que vêm fazendo. Aconselho, também, exigirem de seus empresários cachês mais baixos, pois do jeito que estão alimentando suas contas bancárias, vão acabar gordo como elas, carecas como seus pais, e imbecis como ninguém. Aí, garotada... adeus rock’n’roll: O clima ficou mais para bolero.”*⁸⁰

A revista *Bizz* era a melhor publicação sobre música daquele momento, apesar da presença de críticos que irritavam profundamente o cartunista. O personagem Rui Resenha nasceu para satirizar este pessoal e, na edição 7, foi feita uma gozação sobre a revista e sua seção de críticas a discos.⁸¹ Numa das “Previsões para 1986”, Angeli deixou claro sua visão sobre os críticos de música: “Jovens críticos musicais da imprensa paulista não resistindo à tentação, formarão uma super-banda de rock pós-moderno. Apesar disso, tudo continuará uma grande bosta.”⁸²

⁷⁹ Chiclete com Banana. Nº 1, 1985, p. 2;

⁸⁰ Chiclete com Banana. Nº 2, 1985, p. 29;

⁸¹ Chiclete com Banana. Nº 7, 1986, pp. 20-21;

⁸² Chiclete com Banana. Nº 2, 1985, p. 26;

O personagem Ritchi Pareide foi o que melhor retratou o desprezo do autor pelo chamado “Rock Nacional”. Numa tira, o personagem, ao descrever o seu “som”, disse que “chupou” a guitarra do Talking Heads, o baixo do Police, as “gatinhas” do vocal do B-52’s, entre outras influências. Indagado pela repórter sobre o que dele foi colocado no “som”, Ritchi Pareide respondeu que tinha sido “esse óculos lindão... esse lenço chocante...”⁸³

Numa entrevista para uma rádio, Ritchi Pareide disse que odiava música e que, na verdade, queria ser médico. Questionado pelo surpreso radialista por que se tornou roqueiro, Ritchi Pareide respondeu: “Pressão da família, cara! Minha mãe queria que eu fosse alguma coisa que desse grana!”⁸⁴

Numa apresentação visceral durante um show, as fãs de Ritchi Pareide comentaram o quanto ele se entregava, até que o próprio se “entregou”: “Você está de gozação ou não percebeu que é playback?”⁸⁵

A superficialidade do mercado e das bandas de rock foi criticada na tira onde Ritchi Pareide, dando uma entrevista a uma repórter, diz que a diferença entre o seu som e o do Itamar Assunção (um dos mais destacados músicos do “underground” de São Paulo na época) era que o seu tocava nas rádios e era de massa. A repórter, então, comentou que foram “as grandes gravadoras que compraram os horários de execução das músicas de seus artistas”,⁸⁶ comentário logo atacado pelo cantor: “Sua chata!! Tinha que falar, tinha!?” Num show, depois da contagem “é um... é two... é tri...”, no lugar de alguma música, entrou seu grito de “Rede Globo”.⁸⁷

⁸³ Angeli. Angeli Apresenta: Chiclete com Banana - Cenas de Sexo, Drogas e Rock’n’Roll. Op. cit., p. 61;

⁸⁴ Chiclete com Banana. Nº 6, 1986, p. 22;

⁸⁵ Angeli. Angeli Apresenta: Chiclete com Banana - Cenas de Sexo, Drogas e Rock’n’Roll. Op. cit., p. 23;

⁸⁶ Angeli. Idem, p. 62;

⁸⁷ Angeli. Idem, ibidem;

Não foi apenas a superficialidade do rock da época que mereceu críticas da revista. A “criação” de novidades poderia ser fraca em qualidade, mas a recuperação nostálgica não era uma alternativa melhor para o cartunista. A década de 80 assistiu uma onda de nostalgia muito intensa na música e na moda, que pode ser apresentando como uma das características da pós-modernidade, o pastiche - fenômeno que foi captado pela revista. Comentando sobre os novos tempos, Angeli não deixou de perceber esse “recuo” no tempo: “*O ser humano continuará em franco progresso cultural. Sairemos da moda dos anos 50 e entraremos de sola nos anos 60.*”⁸⁸

Na JAM da edição 21, na seção “Punhetinhas”, o pastiche aparece:

*“Hoje em dia, o negócio tá diferente. Você não precisa ligar nesses programas nostálgicos para escutar música de antigamente. As rádios estão atacando ao longo de toda a sua programação da pior febre retrô que já se teve notícia. Aliás, como de resto, toda a produção cultural”*⁸⁹

A revista era um verdadeiro “termômetro” da sua época.

Sexo

A fragmentação da década de 1980 ocorreu em todas as relações humanas, inclusive questões pertinentes ao sexo, questões estas que também seriam retratada pela revista. As histórias e os personagens do Angeli não seguem um padrão sexual único, aparecendo situações heterossexuais, homossexuais, machistas, com taras, impotência, etc. A liberdade sexual na revista foi total - e também fragmentada.

O espaço urbano também era o local privilegiado da revista para o sexo. A maior ligação entre sexo e urbanidade produzido pela revista foi retratada num pôster, criado pelo Angeli e pelo Laerte, de página dupla localizado no meio da edição número 6, com o título “Paulista Também Trepá”, onde

⁸⁸ Chiclete com Banana. Nº 2, 1985, pp. 26-27;

⁸⁹ Chiclete com Banana. Nº 21, 1989, p. 29;

foi apresentada uma fábrica cujas máquinas carregavam muitos homens e mulheres, que acabavam tendo relacionamentos sexuais (hetero e homossexuais) mecânicos, variados e repetitivos, como numa linha de montagem.⁹⁰

O sexo foi um dos temas mais visados pela revista. Na matéria “Somos Todos Idiotas”, o sexo foi exaltado: “O sexo... Ah, o sexo! Por incrível que pareça, os idiotas também fazem sexo. À maneira deles, é claro! Agora, outros mais idiotas preferem se abster. Acham que sexo é coisa de idiota. Imbecís (sic). Não sabem o que estão perdendo.”⁹¹

Muitas das angústias sexuais do Homem moderno também foram retratadas pela revista. Meiaioito, na matéria “A Maldição do Pênis”, elegeu o grande vilão da humanidade - o pênis: “Pênis... símbolo do pensamento masculino. O poder macho que comanda o mundo. Que controla as sociedades, que produz a discórdia... as guerras, o terror, a fome... seu pênis assassino!! Ditador sanguinário!”⁹² Juvenal, o barman mais requisitado do universo *Chiclete com Banana*, sugere então que Meiaioito se livre dele, mas o angustiado personagem alega que deve ser “um horror fazer xixi sentado.”⁹³ Quando finalmente Meiaioito consegue aglutinar alguns homens para realizar a “greve de pênis em protesto as poder masculino”, a chegada da primeira garota linda desfaz o movimento, para sua a tristeza, que comenta, desconsolado: “Ô, classezinha desunida!!”⁹⁴

As dificuldades do Homem moderno de amar também foram retratadas na história “Não Tchuns Nem Sai de Cima!”, onde um homem não consegue transar por causa do papagaio, da luz que ofusca sua vista, do alto som e da própria mulher, pois ele só consegue sozinho.⁹⁵

⁹⁰ Chiclete com Banana. N° 6, 1986, pp. 26-27;

⁹¹ Chiclete com Banana. N° 1, 1985, p. 18;

⁹² Chiclete com Banana. N° 13, 1988, p. 33;

⁹³ Op. cit., p. 34;

⁹⁴ Idem. p. 35;

⁹⁵ Chiclete com Banana. N° 6, 1986, p. 16;

Os novos dilemas dos anos 80 podem ser resumidos numa história da edição 9, onde um casal está conversando numa mesa e o homem, então, informa sua esposa que a está deixando por sua melhor amiga, Neide. A mulher, chorando e querendo se matar, lamentava a situação, não por estar perdendo seu “maridinho”, mas “Porque perdi a minha Neide!!”⁹⁶

Como podemos perceber pela história acima, o homossexualismo também era um dos temas da revista. A personagem Rê Bordosa, além de apresentar uma vida sexual muito intensa, também mostrava tendências bissexuais ao aceitar mulheres na sua banheira; já o Nanico, eterno e único seguidor do Meiaoitto, era declaradamente homossexual.

O homossexualismo também atingiu outras seções e personagens. Numa das tiras da série de quadrinhos “Histórias de Amor”, um casal de homens se beijam sobre uma árvore, com um deles declarando seu amor e o outro respondendo que isso acontecia por ele ser parecido com a mãe do primeiro, sendo que este encerra a tira concluindo que namorar psicanalista “é um saco”.⁹⁷

Na história “Deu a louca no Dirceu” são apresentados dois casais. Enquanto os homens assistem futebol, as esposas saem para “buscar laranja” (sic). Sozinhos, Dirceu tenta seduzir seu amigo e, quando está quase concretizando seus desejos, o amigo grita “pense nas nossas mulheres”, fazendo com Dirceu voltasse à razão. No último quadrinho, as mulheres estão nuas, numa cama, pensando em “dar mais uma”.⁹⁸

O mundo sexual da revista era bastante amplo. O voyeurismo de Edi Campana misturava-se com as curiosidades da classe média. Numa história da edição número 6, um casal tipicamente classe média foi até um Sex-Shop, com o marido ficando constrangido com o desembaraço da sua esposa perante os “produtos” do local. Quando vendedor perguntou à mulher qual dos produtos iria querer, ela, indigna-

⁹⁶ Chiclete com Banana. Nº 9, 1987, p. 17;

⁹⁷ Chiclete com Banana. Nº 13, 1988, p. 21;

⁹⁸ Chiclete com Banana. Nº 7, 1986, pp. 29-30;

da, respondeu: “SEU TARADO! Tá pensando que sou qualquer uma, é!? Sou mãe de família, ouviu, seu pervertido! Tarado!”⁹⁹

Os Skrotinhos também tiveram histórias com sexo. Numa tira da revista número 12, eles elogiam uma garota “gostosa”, mas realçaram algo que estragava a sua “bunda maravilhosa”: o “modess”, pois “Tá dando para ver o voluminho.”, para desespero da garota.

Em outra tira da mesma página, os dois abordaram uma prostituta e perguntaram se, caso eles pagassem, ela “daria” e a resposta foi “Dou!”; perguntaram, então, se ela “chuparia” e a resposta foi “Chupo.”; indagada se ela “peidaria”, a prostituta respondeu “Claro que peido!”. Os dois, então, se afastaram. dela, com um deles dizendo: “Putz... que minha escrota! Dá até nojo!” O outro, então, complementou o comentário do primeiro: “Pior do que a gente!”¹⁰⁰

O “lado machista” do Angeli apareceu com o personagem Bibelô. Sobre este personagem, Angeli disse que: “É a minha formação. Sou de família italiana da periferia: estava prestes a ficar parado em frente a uma padaria mexendo com todas as mulheres que passavam. Foi uma maneira de solucionar o meu machismo.”¹⁰¹

Bibelô jamais aceitou um “não” como resposta. Numa tira, ele estava num cinema e perguntou para a garota da frente se ela estava sozinha. Ela respondeu: “Não! Estou com Deus!” Sem maiores problemas, Bibelô respondeu: “Ora!, Você merece coisa melhor!”¹⁰²

A mistura de sexo com sacanagem na política também pode ser encontrada na revista. Numa tira, Bibelô “encoxa” uma mulher na fila do INPS e, indagado se ele não tinha vergonha, o personagem respondeu: “Vergonha de que? Da encoxada ou do INPS?”¹⁰³

⁹⁹ Chiclete com Banana. Nº 6, 1986, p. 20;

¹⁰⁰ Chiclete com Banana. Nº 12, 1987, p. 22;

¹⁰¹ Angeli. Entrevista “Quadrinhos são como ‘divã’, diz Angeli.”. Op. cit.;

¹⁰² Chiclete com Banana. Nº 22, 1990, p. 21;

¹⁰³ Chiclete com Banana. Nº 19, 1989, p. 17;

Rê Bordosa sintetizou o sexo na década de 80 com todas as suas contradições e exageros, hetero ou homossexuais. Talvez por isso a personagem tenha sido a mais famosa criação do Angeli, o que demonstra a sintonia da personagem com a década e com o seu público. Eis uma pequena - porém, fundamental - definição da personagem:

“O sol nasceu para todos. Menos para Rê Bordosa que preferiu refugiar-se na escuridão da vida noturna. Conhaque misturado com cerveja, vodca digerida com cocaína, sexo com sentimento de culpa. Por isso sem pestanejar, trocou seus verdes anos pelo roxo das olheiras. Era bonitinha quando menina, saborosa na adolescência e hoje usa meias para esconder as primeiras estrias. Mas, mesmo com tudo isso não se sente diferente das outras mulheres afinal, ir sozinha a um bar dá tanto trabalho quanto criar filho.”¹⁰⁴

A primeira participação da personagem na revista foi bastante expressiva, sendo que na sua “entrevista” dada ao personagem Benevides Paixão, Rê Bordosa nos dá uma pequena idéia de sua “filosofia de vida”. Indagada sobre a existência de uma “consciência cristã”, a personagem respondeu:

“Do cristianismo, meu caro, só gosto de duas coisas: do vinhos (sic) e dos pecados, que adoro cometer... Primeiro, enche-se a cara de vinho e depois sai-se por aí pecando, feito louca. De resto, não estou nem aí. Agora, quanto ao aborto, se somos competentes para por para dentro do nosso corpo o que quisermos... temos o direito de tirar o que não queremos.”¹⁰⁵

A “Pin-Up” dos anos 80 (eleita assim pela revista *Around*),¹⁰⁶ como ficou conhecida Rê Bordosa, enfrentou um dos grandes problemas da década, combatendo o risco de contaminação pela AIDS através da redução dos parceiros (transando com anões e homens pequenos), do homossexua-

¹⁰⁴ Angeli. Chiclete com Banana Apresenta: Rê Bordosa, Bob Cuspe e Outros Inúteis. Op. cit., p. 7;

¹⁰⁵ Chiclete com Banana. Nº 1, 1985, p. 25;

¹⁰⁶ informação extraída de: Chiclete com Banana. Nº 1, 1985, p. 23:

lismo (já que com mulheres não era necessário o uso de camisinha, “que tal um “babydolzinho”?, disse Rê Bordosa para sua parceira) e do uso de uma roupa espacial para evitar qualquer tipo de contato.¹⁰⁷

Sua “morte” rendeu uma edição especial e a lamentação da classe artística. O humorista e apresentador de programas de entrevista Jô Soares declarou sua tristeza na revista da “morte” de Rê Bordosa: *“Faço um apelo veemente pra que o Angeli não faça isso (matar a personagem). No momento que ele fizer estará se colocando a favor da pena de morte, ao lado do Amaral Neto. A vida sem a Rê Bordosa é um porre!”*¹⁰⁸

Mas nada conseguiu mudar a idéia do “virginiano” Angeli (que “quando empaca numa idéia, fudeu!”, de acordo com suas próprias palavras)¹⁰⁹ e Rê Bordosa seria morta. Sobre a morte da Rê Bordosa, seu criador comenta que:

*“Eu bebia muito na época em que a escrevia. E era a época em que meu filho tinha acabado de nascer. Ele tinha 2 anos, queria passear com o pai em um dia de sol e ia lá o menininho de mão dada com uma caveira. Também foi uma época em que comecei a trabalhar por prazer e a bebida estava me atrapalhando muito. Resolvi parar.”*¹¹⁰

Logo, o universo sexual da revista seria reforçado com o sexo total de Glauco Mattoso, Macartti e Luiz Gustavo, entre outros. Pedolatria, pedofilia, incesto, sexo com menores, prostituição, drogas e violência iriam se incorporar no já caótico mundo sexual da revista.

No número 14, a pedolatria do Glauco Mattoso ganharia uma história em quadrinhos feita pelo desenhista “underground” Marcatti. Nas palavras do próprio Mattoso, abrindo esta história em quadrinhos:

¹⁰⁷ Chiclete com Banana. Nº 12, 1987, pp. 33-35;

¹⁰⁸ Angeli. Chiclete com Banana Especial - Rê Bordosa: a Morte da Porrалoca. Op. cit., p. 55;

¹⁰⁹ - Angeli. Idem;

¹¹⁰ Angeli. Entrevista “Quadrinhos são como ‘divã’, diz Angeli.”. Op. cit.;

“Sexo é que nem paladar. Uns preferem coalhada pura, outros com açúcar. Tem gente que prefere com sal. Quem não gosta diz que coalhada não passa de leite azêdo.(sic) Preferência sexual é a mesma coisa. Uns gostam do olho, outros da remela. Quem tem tesão por criança é pedófilo. Quem se amarra em pé é pedólatra. Eu por exemplo, sou praticante da pedolatria.”¹¹¹ (grifos do autor)

Como dissemos anteriormente, estes novos colaboradores afastaram uma parcela do público, embora tenham feito com que o anarquismo ficasse mais explícito no universo da revista.

Drogas

Outra realidade da década de 80 retratada pela revista foi o uso de drogas na sociedade, que “explodiu” naquele momento.

A revista apresentou muitas histórias e personagens consumindo as mais variadas drogas como, logo no número 1, na história “Snif-Snif Cof-Cof”, onde o personagem masculino, antes de ir para o quarto transar com a mulher, dá uma “pegadinha” (gíria que designa o ato de fumar maconha) e uma “cheiradinha” (gíria que designa o consumo de cocaína), alternado os dois cada vez mais rápido, até explodir, suscitando o comentário da mulher: “Droga! Já é o terceiro namorado que perco esta semana!”¹¹²

Numa história tendo os Skrotinhos como protagonistas, vemos que eles acompanharam uma pessoa que estava indo pela quarta vez ao banheiro para cheirar cocaína. “O cidadão está com a bexiga solta ou... vais cheirar uma bela fileira?” - perguntaram os dois.

Alegando que iriam ficar na “butuca” caso pintasse alguma “sujeira”, então a pessoa foi para o banheiro cheirar sua cocaína. Os Skrotinhos realmente ficaram de guarda, mas fo-

¹¹¹ Chiclete com Banana. Nº 14, 1988, p. 40;

¹¹² Chiclete com Banana. Nº 1, 1985, pp. 32-33;

ram correndo dizer para a primeira pessoa que entrou no banheiro que ele estava ocupado pois: “Tem um camarada nosso dentro! Ele está cheirando uma big duma fileira!”¹¹³

O comportamento mais “relaxado” da revista em relação às drogas pode ser justificado no último número da revista, na matéria sobre os Beats. O assunto da matéria foi sobre a importância das drogas para os próprios Beats e para a Contracultura dos anos 60 e, em certo momento da exposição, percebemos as razões do grande consumo de drogas das últimas décadas:

“Drogas de toda espécie acompanharam a humanidade em geral, e sua ponta mais criativa em particular, ao longo dos tempos. É errada a impressão de que o hábito de tomar drogas tenha se concentrado em um período recente, uma faixa de algumas décadas, como se antes todos fossem modelos de bom comportamento. O que houve foi uma mudança nas comunicações, com a maior liberdade, em nossa época, de expressão e acesso à informação, permitindo que se veiculassem assuntos como drogas e sexualidade de uma forma menos reservada e recatada.”¹¹⁴

Eis uma das essências da pós-modernidade: **a existência de um maior acesso de informações, quando não um verdadeiro excesso delas.**

Não estamos justificando, logicamente, o uso de drogas, mas mostrando que, na revista *Chiclete com Banana* e na sociedade brasileira dos anos 80, o tema era constantemente abordado.

Flower Power

As diferenças entre as gerações também seriam mostradas pela revista. Como vimos anteriormente, apesar das críticas do autor perante os novos tempos, a volta ao passado tam-

¹¹³ Chiclete com Banana. Nº 15, 1988, p. 7;

¹¹⁴ Chiclete com Banana. Nº 24, 1990, p. 15;

bém não era uma alternativa aceitável. E os anos 80 foram essencialmente “nostálgicos” para a década de 60, abrindo espaço para o pastiche - uma relação tipicamente pós-moderna. Mas a nostalgia e o pastiche não teriam vez na revista: tais atitudes seriam muito criticadas.

Numa pequena tira envolvendo a personagem Ritapop (retratada como uma groupie, ou, no Brasil, “macaca de auditório” - garota cujo maior sonho é ficar perto do seu artista favorito), vemos seu encontro casual com um cabeludo que, por sua vez, tentou impressioná-la com sua “cabeleira”. Ela, então, diz que ele “Tá por fora! Homem agora tá usando cabelo curtinho... assim tipo new wave!” Ela se afastou do cabeludo que, resignado, comentou: “Droga! Lá se foram 12 anos da minha vida!”¹¹⁵

Como vimos, a Contracultura e os hippies conviviam na revista, mas não de maneira elogiosa. Tudublú e Moçamba (que podem ser considerados os precursores dos velhos hippies Wood & Stock) foram criados para que a rebeldia da geração *Flower Power* fosse gozada sarcasticamente.

Numa tira, Tudublú falava para seu inseparável amigo Moçamba que, quando escutava o Mick Jagger - vocalista dos Rolling Stones -, algo explodia dentro dele e que o fazia sentir-se como um impetuoso rebelde, “sem respeito às coisas estabelecidas”, num típico discurso da Contracultura. Indagado por Moçamba sobre que coisas estabelecidas seriam estas que ele se revoltava, Tudublú respondeu: “A sopa de legumes da minha mãe, por exemplo!”¹¹⁶

Na revista número 10, a história “Flash-Back - Uma História Psicodélica de um autor Flower Power” reforça esse sarcasmo: dois homens estão conversando sobre sua juventude nas décadas de 60 e 70, lembrando as “loucuras” que fizeram naquele período, sua atitude “marginal” e, no final da história, descobre-se que os dois são diretores de uma podero-

¹¹⁵ Angeli. Angeli Apresenta Chiclete com Banana - Cenas de Sexo, Drogas e Rock'n'Roll. Op. cit., p. 55;

¹¹⁶ Angeli. Idem, p. 116;

sa empresa, ou seja, eram os típicos “Yuppies”, jovens modernos, gananciosos e apenas preocupados com dinheiro e negócios. Tais histórias procuraram demonstrar a futilidade daqueles que participaram da Contracultura e os resultados práticos dela, com os “rebeldes” assumindo as posições de poder que tanto criticaram.

As diferenças de geração demonstradas pela revista ficaram mais claras nas histórias envolvendo os personagens Wood & Stock. Mais do que mostrar as diferenças, estes personagens nasceram para que Angeli satirizasse amigos seus que ainda viviam como se a Contracultura não tivesse se esgotado.¹¹⁷

Numa tira da edição 15, o filho de Wood, representante da nova geração (vestido de boné e com seu skate na mão), tem uma conversa séria com o seu pai, pedindo a ele: *“Você não acha que já é hora de cortar esse cabelo, tirar essa roupa e arrumar um emprego?”*¹¹⁸

Numa outra tira desta mesma edição, Wood mostra um som “ducacete”, que conta a história de um “rapaz que encontrou a paz e a liberdade tocando sua guitarra e amando sua garota”, suscitando o seguinte comentário do seu filho: *“Putz! Se um babaca desse pintar lá no pedaço, minha gang esfola ele!”*¹¹⁹

A diferença entre os “grandes” ideais de rebeldia e os objetivos “pequenos” dos personagens do que restou do flower power retratados na revista demonstrava o quanto Angeli sentia-se, no mínimo, traído pelo “modismo” contracultural dos anos 60.

Devemos destacar também que nos novos tempos egoísticos e hedionistas, típicos da década de 80, o discurso hippie (e da Contracultura como um todo) grupal e “profundo” parecia completamente deslocado no tempo, diferença de-

¹¹⁷ Angeli, entrevista concedida para o jornalista Boris Casoy no programa Passando a Limpo. Op. cit.;

¹¹⁸ Chiclete com Banana. Nº 15, 1988, p. 19;

¹¹⁹ Chiclete com Banana. Op. cit.;

vidamente retratada no *Chiclete com Banana* - eis como eram trabalhadas pela revista as representações da pós-modernidade.

Pessoas comuns, jovens, modismos, “pós-modernidade”, rock’n’roll, nostalgia, sexo, drogas... como podemos observar, a fragmentação do mundo da época, uma das características mais básicas da pós-modernidade, foi devidamente retratada pela revista. O mesmo aconteceria com a política, como veremos no próximo capítulo.

Política

Assim como o comportamento humano, como vimos anteriormente, a política foi vista pela revista de uma maneira desfocada e livre. Angeli tratou de vários temas políticos, inclusive a política institucional, mas com seu anarquismo individual (e, no decorrer da publicação da revista, acompanhado do anarquismo de Glauco Mattoso) atacou todas as formas de política.

No campo da política tradicional, o fim do regime militar em 1985 não entusiasmou o cartunista Angeli. O marasmo da Nova República foi descrito na matéria “AAATCHIIIMM!! - As Gripes que Atingem o Homem Moderno”, com uma “gripe” que levou o seu nome: “São várias espécies de vírus produzindo em conjunto uma gripe só. Ela vai pegando bem devagarinho devagarinho... quase parando. Causa enjôos para alguns e dores de cabeça para outros.”¹²⁰

Já nas “Fantasias para o carnaval de 1986”, uma fantasia política se destacava: “*Nova República* - Nada mais moderno que coisas antigas. Vasculhe uma loja de roupas usadas, componha sua fantasia e saia dançando logo que a orquestra atacar ‘Muda Brasil’.”¹²¹

Da matéria “A Luta Continua”, onde Angeli traz ao conhecimento as “greves e os movimentos de paralisação que o ministro Almir Pazzianotto (Ministro do Trabalho na época) jamais imaginou existirem”, destacamos uma:

¹²⁰ Chiclete com Banana. Nº 1, 1985, p. 17;

¹²¹ Chiclete com Banana. Nº 3, 1986, p. 13;

“Reacionários - A gente tenta. Faz comícios, passeatas, piquetes, assembléias... mas nada adianta! É uma categoria difícil. Não quer saber de operação tartaruga e muito menos de greve geral. Seus líderes dizem que têm muito a fazer e não querem nada com comunistas. O negócio deles é trabalhar com eficiência. Isto é verdade. Haja visto o Riocentro e as diversas bancas de jornais tostadas por esse país afora. Este pessoal é fogo!”¹²²

E o fim da ditadura também produziu as suas “vítimas”, como nos mostra esta outra greve:

“Tropas de Choque - O movimento exige que o governo proporcione mais greves pois, segundo estatísticas, em relação aos tempos da ditadura dos generais diminuíram os movimentos de paralisação e, se assim continuar, não terão em quem baixar o cacete.”¹²³

De acordo com Pedro, o Podre (Glauco Mattoso):

“Definição de um governo despótico: uma ordem de coisas onde o superior tem boca e pica pra comer e o inferior tem boca e cu pra tomar. No regime representativo, todos têm boca, pica e cu, sendo que alguns cus têm imunidades, algumas bocas mordomias e algumas picas direito de ir e vir, salvo-conduto e livre acesso aos canais competentes.”¹²⁴

A manutenção de seu mandato por mais um ano (através das mais variadas propinas) e uma nova política econômica, que iria começar o processo de falência da revista pouco tempo depois (processo encerrado com o Plano Collor), colocaram o então presidente José Sarney na mira da revista.

A edição número 17 dedicou considerável espaço para o presidente: além da capa, foram reservados 4 páginas para satirizar sua fama de inútil. A matéria “Ribamar - As Mil e uma

¹²² Chiclete com Banana. Nº 2, 1985, p. 29;

¹²³ Op. cit.;

¹²⁴ Chiclete com Banana. Nº 11, 1987, p. 26;

Utilidades de um Presidente” mostrava a figura do presidente Sarney como apoio para livros, porta lápis, “salivador” de selos, peso para papel, entre outras atividades práticas cotidianas, chegando mesmo a retratá-lo como cabeleireiro de macaco.¹²⁵

A proibição pelo governo Sarney do filme *Je Vous Salue Marie*, do diretor francês Jean Luc-Goddard, e da peça de teatro *Teledem*, do grupo Ornitorrinco, provocou reação furiosa da revista. Na matéria “Cruzada Moral”, o presidente Sarney (sua figura foi apresentada, numa montagem fotográfica, com a roupa de imortal da Academia Brasileira de Letras) foi retratado como:

*“José Ribamar - Presidente do Lions Clube do Brasil, no Maranhão. Defende a moralização do cinema francês. Já queimou cópias de Os Dez Mandamentos, A Bíblia Sagrada, Jesus Cristo Superstar e Je Vous Salue Marie. Alguns afirmam ser ele a salvação do Brasil. Ave Maria.”*¹²⁶

Algumas partes da peça proibida seriam reproduzidas na revista em forma de fotonovela, como uma forma de protesto contra a censura (que estava extinta, de acordo com o próprio governo Sarney).¹²⁷

A revista também retratou alguns aspectos conservadores da Igreja Católica, não apenas por causa da proibição do filme do Goddard ou da peça do grupo Ornitorrinco. Na “gripe” denominada João Paulo II, as críticas continuaram: *“Quem contrair esta gripe está roubado. Além de ficar impossibilitado e praticar o sexo antes do casamento, fica também sem poder se divorciar caso o matrimônio não dê certo. Um horror!”*¹²⁸

Na matéria “Verdades e Mentiras sobre o Onanismo”, o conservadorismo sexual da Igreja Católica é retratado: *“Peca-*

¹²⁵ Chiclete com Banana. Nº 17, 1989, pp. 12-15;

¹²⁶ Chiclete com Banana. Nº 4, 1986, p. 30;

¹²⁷ Chiclete com Banana. Nº 12, 1987, pp. 15-20;

¹²⁸ Chiclete com Banana. Nº 1, 1985, 1985, p. 17;

do Carnal - Mentira da grossa. Se masturbação fosse pecado, coitados dos padres que não podem casar! Neste caso, o Santíssimo Papa já estaria excomungado, pois convenhamos, com aquela cara ele não engana ninguém. Portanto, mãos à obra e fé no santo."¹²⁹

Angeli criticava não apenas a Igreja Católica, mas as Igrejas institucionais de um modo geral. No último número da revista, Angeli nos apresentou o personagem Cosmo na história "Drugstore": ele fora um radical dos anos 60 e 70, chegando mesmo a consumir drogas e participar de festivais de rock, mas, adulto, transformou-se num fanático religioso. Depois de botar fogo no Angeli (por sua alma estar "impregnada de impurezas da vida mundana", nas palavras do Cosmo), a figura em chamas comentou: *Foi aí que percebi que desta vez o velho Cosmo tinha realmente entrado numa bad trip, numa viagem sem volta.*"¹³⁰

Matérias como estas demonstram que, mais uma vez, a revista acompanhava o seu tempo. O crescimento das religiões do tipo "aqui, agora" ("pagamentos" feitos para se ter Deus e/ou milagres, ou seja, religiões do estilo "é dando que se recebe") foi um dos exemplos dos novos tempos individualistas e egoístas - pós-modernos, resumindo. O início da década de 90 assistiria o crescimento de religiões cristãs mais radicais e fanáticas, como por exemplo a Igreja Universal do Reino de Deus, com muitos milagres - e recebimento de dinheiro.

Rhalah Rikota foi o personagem que melhor retratou a visão crítica do Angeli em relação às Igrejas. De acordo com Angeli, *"Eu sempre fui um ateu convicto. O Rhalah é uma gozação com o Glauco, que sempre foi muito místico."*¹³¹ Eis uma outra pequena "definição" do personagem:

"Filho de Ghandi, discípulo de Rhajneej, seguidor de Buda e doidão pela Sônia Braga. Sua legião de fiéis diz que Rhalah veio de Bombaim, pequeno lugar da Índia, de onde são originários os Rhalahs. Outros, menos cré-

¹²⁹ Chiclete com Banana. Nº 10, 1987, p. 28;

¹³⁰ Chiclete com Banana. Nº 24, 1990, pp. 5-8;

¹³¹ Angeli. Entrevista "Quadrinhos são como 'divã', diz Angeli." Op. cit., p. 5;

dulos, afirmam que ele nasceu na rua Solon, próximo à rua dos Italianos, no Bom Retiro. Mas nada disso é certo. Rhalah não confirma nem desmente. Só diz ser um enviado de Vavá, ou Alá, não se lembra bem, para trazer luz aos homens de boa vontade. Aos de má também. Dependendo do valor do cheque.”¹³²

Mas não foram apenas as religiões que foram atacadas pelo cartunista. O poder da Rede Globo não poderia ficar de fora da visão crítica do Angeli. Nas “Previsões para 1986”, Angeli não deixou por menos: “A Rede Globo detenterá todos os direitos de gravação, transmissão e comercialização do fim do mundo.”¹³³

Desde da década de 70 que a Rede Globo exercia (como ainda exerce) um grande poder sobre a sociedade brasileira, dominando quase todo o seu simbólico, situação que não se alterou (muito) nos anos 80. A emissora, quase sempre obediente ao regime militar, ficou ainda mais poderosa com o fim da ditadura.¹³⁴ O comentário acima do Angeli foi perfeito: o poder da emissora do Roberto Marinho faz parte das relações da década de 80 no Brasil.

As críticas contra setores conservadores e contra a “direita” também foram uma constante na revista, mas o universo crítico do Angeli era bem mais amplo. Na matéria “Bunda, Brasil!”, encontramos:

“Político é esta baba. Tanto de esquerda quanto de direita. As diferenças estão apenas nos trajetos, nas feições das facções. Dentro da esquerda os tipos são muitos. Tem os que usam barbicha, os que optaram só pelo bigodinho e também aqueles que se apóiam nos óclinhos. Porém, não podemos esquecer dos mais liberais. Aqueles abertos às várias tendências, que assimilam tanto a barbinha, quanto o bigodinho, o óclinhos e, às vezes,

¹³² Angeli. Angeli Apresenta: Chiclete com Banana - Cenas de Sexo, Drogas e Rock’n’Roll. Op. cit., p. 171;

¹³³ Chiclete com Banana. N° 2, 1985, p. 26;

¹³⁴ Mello, Geraldo Anhaia. Muito Além do Cidadão Kane. São Paulo, Scritta, 1994;

arriscam até um charutinho. No caso dos carecas, ostentam uma vasta barba só para compensar. Posam diante das câmeras de TV com ar professoral e pinta de quem está ali apenas por uma causa maior. Depois de cumprirem o mandato, voltam a dar aulinhas no cursinho e tudo bem. E a velharia radical? Não poderia ficar de fora. Lutam há anos para que nossa juventude, no futuro, faça a mesma revolução russa de 1917 aqui no Brasil, para desespero de todos. É a marcha do proletariado. Meia volta volver.”¹³⁵

Na matéria “Somos Todos Idiotas” podemos perceber que o cartunista destacou as contradições da esquerda na política brasileira: “Quando o idiota é de esquerda - estão pensando o quê? Isso também existe! -, põe-se a ficar em mesas de bar contrariando tudo e todos. Inclusive os garçons. Agora, se o idiota for um tremendo direitista, acontece a mesma coisa.”¹³⁶

O personagem que melhor refletiu o desapontamento do autor com a “esquerda” foi o Meiaoitito. Sobre Meiaoitito, Angeli afirma que: “Foi ele quem abriu a minha tira para o público. Ele é o típico esquerdista de boteco, radical e intransigente. O Meiaoitito representa uma época que já passou, não faz mais sentido agora.”¹³⁷ Vestido como Che Guevara (boina, casaco militar e barba), o personagem retratou todos os problemas da esquerda brasileira, armada ou não. Eis uma pequena definição do personagem:

“Diz ele que sentiu o cheiro do gás lacrimogênio, engoliu a poeira da repressão e hoje... só bebe vodca. Descendente direto do anarquismo italiano. Talvez por isso se borre todo quando come macarrão. Não tem namorada. Nem há notícias de que um dia teve alguma. Carrega consigo as cicatrizes dos tempos negros. Mas ele se recusa a mostrá-las a alguém. Não tira a cueca por nada. Convicção é convicção. Vive empenhado na conscientização das massas. Derrama altos discursos sobre pizzas e,

¹³⁵ Chiclete com Banana. Nº 11, 1987, p. 7;

¹³⁶ Chiclete com Banana. Nº 1, 1985, p. 19;

¹³⁷ Angeli. Entrevista “Quadrinhos são como ‘divã’, diz Angeli.”. Op. cit.;

às vezes, também sobre garçons. Amigo dos fracos e dos oprimidos. Principalmente se algum deles tiver uns trocos para a próxima vodca."¹³⁸

Numa tira da edição 11, Meiaoito e Nanico estavam praticando a luta armada contra a direita e, indagado por Nanico de que a luta armada contra a direita estava "meio fora de moda", Meiaoito respondeu que a "luta armada contra a direita é eterna. A direita é indestrutível." Nanico, surpreso, então, diz: "Então, me explique que catzu fazemos aqui?"¹³⁹

Ao contrário da imprensa alternativa dos anos 60 e 70, que procuravam atacar o regime militar e a direita, Angeli atacou a tudo e a todos. **Nem a direita e nem a esquerda escaparam da fúria de Angeli.**

Não foram apenas as questões políticas internas que foram abordadas pela revista. O "clima" de Guerra Fria "esquentou" com a ascensão do republicano Ronald Reagan na presidência dos Estados Unidos.¹⁴⁰ Desenhando um cogumelo típico de uma explosão atômica, Angeli nos mostra sua preocupação com a política agressiva do presidente dos Estados Unidos através de uma "gripe" com seu nome: "*Os efeitos deixados por este vírus são devastadores. Não sobra pedra sobre pedra. Alguns a chamam de gripe russa. Não importa o resultado é o mesmo (sic).*"¹⁴¹

A política agressiva de Reagan poderia levar o mundo à sua destruição. Na história "A Mijada do Reagan", o presidente norte-americano vai fazer o que o título indica, apesar dos pedidos desesperados dos seus assessores para que não o fizesse. E, depois de feito, ao apertar a descarga, o mundo foi destruído por uma explosão atômica.¹⁴²

¹³⁸ Angeli. Angeli Apresenta: Chiclete com Banana - Cenas de Sexo, Drogas e Rock'n'Roll. Op. cit., p. 7;

¹³⁹ Chiclete com Banana. Nº 11, 1987, p. 17;

¹⁴⁰ Rémond, René. História dos Estados Unidos. São Paulo, Martins Fontes, 1989;

¹⁴¹ Chiclete com Banana. Nº 1, 1985, p. 17;

¹⁴² Chiclete com Banana. Nº 2, 1985, p. 12;

Numa “entrevista” dada a Benevides Paixão, Reagan contou um sonho que ele tinha tido, onde a Casa Branca estava sendo invadida por macacos (referência direta ao Terceiro Mundo) e que ele os matou passando fogo como Tarzan. Indagado pelo “entrevistador” de que Tarzan não usa armas, a resposta foi incisiva:

“O meu Tarzan é pós-Rambo. Aliás, falando em Rambo, esse menino, o Stallone, tem futuro. Ele tem feito tudo direitinho. Luta contra enormes soviéticos... extermina amarelos... eu acho lindo isso! Pode escrever aí no seu jornal. Matando subdesenvolvidos como ele mata, chegará a Casa Branca rapidinho. Já pensou o Rambo presidente dos Estados Unidos? Será a glória!”¹⁴³

Nas “Fantasias para o carnaval de 1986”, o clima de destruição do mundo é mantido: *“Grandes Potências - Esta é própria para casais. Ele de Reagan, ela de Gorbachev ou vice-versa. O único perigo é se houver uma desavença conjugal. Pode resultar numa tremenda guerra atômica. Aí, adeus pra todo mundo.”¹⁴⁴*

Para retratar o clima de confronto e de destruição, Angeli criou o personagem Rigapov, cujo grande desejo é o de dominar o mundo, pois, caso contrário, ele o destruirá. Eis uma definição de Rigapov:

“Pela manhã explode o mundo. Vai ao banheiro, explode o mundo, está deprimido, explode o mundo - haja mundo para Rigapov. Decide o destino da humanidade com a mesma facilidade com que toma um simples cafézinho. Se mora na Casa Branca ou no Kremlim, se é do oriente ou do ocidente... até hoje ninguém descobriu. Mas tudo bem. Não faz a menor diferença.”¹⁴⁵

O mundo não foi destruído, logicamente, mas a política agressiva de Reagan ajudou a destruir a União Soviética.¹⁴⁶

¹⁴³ Chiclete com Banana. Nº 4, 1986, p. 11;

¹⁴⁴ Chiclete com Banana. Nº 3, 1988, p. 13;

¹⁴⁵ Angeli. Chiclete com Banana Apresenta: Rê Bordosa, Bob Cuspe e Outros Inúteis. Op. cit., p. 61;

¹⁴⁶ Rémond, René. Op. cit.;

Mas, de um modo geral, a política era um inimiga de todos. Os Skrotinhos encontraram-se com um senador que tinham conhecido no banheiro do senado. O senador, estendendo a mão para eles, comentou que político vai ao banheiro como todo mundo, recebendo a seguinte resposta dos anárquicos personagens: “É! E não lava a mão... como todo mundo!”¹⁴⁷

Já na matéria “Tipinhos Brasil”, a ingenuidade do mundo da política foi desmascarada: “*Político Ingênuo - Ora, como se isso fosse possível! Se alguém entra pra política, é porque tem segundas intenções. No bom ou no mau sentido, tanto faz. Mas, que tem, tem. Neste caso, a ingenuidade é dos eleitores, que gastam votos e mais votos em lobos vestidos de anjinhos barrocos.*”¹⁴⁸

Bob Cuspe foi colocado como alternativa política para a cidade e para o mundo (o próprio mundo, desenhado por Angeli, reclama que também estava de “saco cheio”).¹⁴⁹ Nesta história, as pessoas, supressas, perguntavam-se quem era Bob Cuspe. Um casal, na cama, discute o problema, com a mulher dizendo: “*Não sabe onde é o clitóris! Não sabe o que é Bob Cuspe... e ainda brocha!? Por que você não se mata?*”¹⁵⁰

Bob Cuspe estava nos bueiros da cidade. Discutindo com um habitante que estava defecando em sua privada (nota: com o próprio Bob Cuspe dentro dela), o punk comentou que:

*“Inútil! O ser-humano (sic) é inútil!! Ergueu edifícios, idealizou cidades, construiu nações, inventou armas atômicas, radares, foguetes mortais, criou bebês de proleta, computadores, satélites, máquinas... e, apesar disso... ainda não aprendeu tocar sua própria descarga!”*¹⁵¹

Mas foi Glauco Mattoso quem levou a política para o chão, defendendo, com vigor, o anarquismo. Nas palavras de seu alter-ego, Pedro, o Podre, no pôster central da edição nú-

¹⁴⁷ Chiclete com Banana. Nº 14, p. 21;

¹⁴⁸ Chiclete com Banana. Nº 12, p. 23;

¹⁴⁹ Chiclete com Banana. Nº 1, p. 6;

¹⁵⁰ Op. cit.

¹⁵¹ Idem. p. 13;

mero 11, “*Cagar é um ato político; peidar é uma liberdade democrática; mijar é um direito humano; esportar é terminantemente...*”¹⁵²

A página é bastante curiosa: dupla, cheia de frases espalhadas por todos os lados, com uma enorme barata no centro e algumas moscas ao redor, mostrando toda o nojo sobre o tema. Sobre o “L” da palavra política, Mattoso destacou um dito “provérbio antigo”: “*Política é quem nem (sic) merda: quanto mais se mexe, mais fede.*”¹⁵³

Como podemos perceber, a fragmentação da revista no campo político foi total.

Conclusões

Como vimos, a visão de mundo da revista apresentava um olhar urbano, ou seja, o espaço físico que a revista estava inserida era, essencialmente, dentro do espaço da cidade grande, mais especificamente a cidade de São Paulo. Buscamos, também, mostrar que o caráter crítico da revista não apresentava uma linha fixa de atuação, utilizando seu humor ácido para atacar todas as áreas possíveis indiscriminadamente, como a política (não necessariamente partidária ou crítica ao governo, mas a “Política” de um modo geral), Contracultura, Rock, Juventude, Religião, Sexo, etc. Muitas destas críticas eram de tendência anarquista, baseadas na crítica social da Contracultura e, principalmente, no niilismo e no minimalismo do movimento Punk

A pequena comparação feita nesta pesquisa entre a imprensa alternativa brasileira das décadas de 60 e 70 com a revista *Chiclete com Banana* buscou mostrar que, enquanto a imprensa alternativa apresentava jornais e revistas que tinham uma linha a ser seguida, o mesmo não ocorreu com a revista *Chiclete com Banana*, que procurou abranger suas críticas políticas tanto contra a direita quanto contra a esquerda.

Não estamos afirmando que o autor da revista não tivesse (tenha) algum posicionamento político mais definido,

¹⁵² Chiclete com Banana. Nº 11, 1987, p. 26;

¹⁵³ Op. cit;

mas, ao atacar todos os lados da política, Angeli mostrou, ao mesmo tempo, o caráter fragmentário e volátil das relações políticas do período, o que viria a ser uma característica da política brasileira nos anos 90, com a ascensão de Fernando Collor (um presidente essencialmente construído pela “fragmentada e volátil” mídia, ou seja, pela televisão) e do projeto neoliberal de Fernando Henrique Cardoso. As “linhas fixas” e “radicalismos” (PC do B, brizolismo, nacionalismo, etc.) teriam cada vez menos espaços na vida política brasileira.

Procuramos, também, comprovar que, com a ausência dessa linha fixa, a revista apresenta uma das características mais relevantes da década de 80 e, podemos dizer, da pós-modernidade: **a fragmentação**. A década de 80 caracterizou-se por uma intensa fragmentação das relações culturais, políticas, humanas, etc. A revista *Chiclete com Banana*, com seu modo satírico e gozador, mostrou as representações fragmentadas da sociedade brasileira do período.

De um modo geral, podemos concluir que a revista aplicava críticas totais, com muita ironia e total liberdade. As críticas são anárquicas e mostram um caráter completamente fragmentado: **não existe um único objeto de crítica**. Na revista, **tudo pode ser criticado**.

Essa fragmentação total das temáticas da revista deixou em evidência uma das grandes características da década de 80: **a pós-modernidade**. A revista apresentou características típicas da fragmentação social dos pós-guerra mundial, que começou a alcançar seus momentos mais intensos justamente na década de 80.

Logicamente que tal fragmentação não surgiu do nada: a “explosão comunicacional” iniciada nas décadas de 50 e 60 encontrariam o seu apogeu na década de 80, ou seja, nunca tantos assuntos estavam circulando ao mesmo tempo e em intensa velocidade. Na década de 90, com a explosão da informática (também iniciada na década de 70), os traços de circulação de informações em máxima velocidade acentuariam-se.

Assim, o consumo da sociedade também passaria por uma alteração fantástica, sendo não apenas uma opção, mas sim um “mal necessário”.¹⁵⁴

O lado hippie e punk do Angeli sempre estavam presentes e criticando tais coisas. A revista poderia apresentar representações da pós-modernidade, mas não as aceitava passivamente. Resumindo, **a revista mostrou o seu tempo (pós-moderno) criticamente**. Jair Ferreira dos Santos nos mostra que a vitória da pós-modernidade não é “tranqüila”:

“Têm surgido contra o sistema efeitos bumerangues tipicamente pós-modernos. O individualismo exacerbado está conduzindo à desmobilização e à despolitização das sociedades avançadas. Saturada de informação e serviços, a massa começa a dar uma banana para as coisas públicas. Nasce aqui a famosa indiferença, o discutido desencanto das massas ante a sociedade tecnificada e informatizada. É a sua colorida apatia frente aos grandes problemas sociais e humanos.”¹⁵⁵

Chiclete com Banana não foi “indiferente” ou “desencantada”, como podemos perceber no decorrer deste artigo. Mas, mesmo com a revista gozando constantemente a “moda de ser pós-moderno” e os novos tempos, ela acaba, com sua crítica aguda e fragmentada, sendo um representante, mesmo que crítico, dessa linha.

¹⁵⁴ de acordo com Jair Ferreira dos Santos: “As sociedades pós-industriais, planejadas pela tecnociência, programam a vida social nos seus menores detalhes, pois nelas tudo é mercadoria paga a um empresa privada ou estatal, seja um telex em banco ou uma hidromassagem. Sendo economias muito ricas, que têm como única meta a elevação do nível de vida, elas deixam ao indivíduo a opção de consumir entre uma infinidade de artigos, mas não a opção de não consumir.” Ferreira dos Santos, Jair. Op. cit., pp. 87-88;

¹⁵⁵ Ferreira dos Santos, Jair. Idem.

BIBLIOGRAFIA

Fontes Primárias

Revistas:

Revista *Chiclete com Banana*, números 1 a 24 - Angeli, *Chiclete com Banana*, São Paulo: Circo Editorial, 1985-1990.

ANGELI. *Chiclete com Banana - Remix*. São Paulo: Circo Editorial, s/a.

ANGELI. *Rê Bordosa - A Morte da Porrалouca*. São Paulo: Circo Editorial, 1987.

Livros de Histórias em Quadrinhos do Angeli:

ANGELI. *Angeli Apresenta Chiclete com Banana - Cenas de Sexo, Drogas e Rock'n'Roll*. 5. ed., São Paulo, Circo Editorial, 1984.

ANGELI. *Chiclete com Banana Apresenta: Rê Bordosa, Bob Cuspe e Outros Inúteis*. 3. ed., São Paulo, Circo Editorial, s/d.

Fontes Secundárias

Livros:

BACZKO, Bronislaw. *Imaginário Social*. in *Enciclopédia Eunaudi*, nº 5, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os Anos 70: Mais Pra Epa que Pra Oba*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

CASTORIADIS, Cornélius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

ELÍSIO DOS SANTOS, Roberto. *Introdução à Teoria da Comunicação*. São Bernardo do Campo: Editora do IMS, 1992.

FERREIRA, Wilson Roberto Vieira. *O Caos Semiótico: Comunicação no Final do Milênio - Ensaios de Crítica da Comunicação*. 2. ed., São Paulo: Terra Editora, 1997.

FERREIRA DOS SANTOS, Jair. *O que é Pós-Moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

JACOBY, Russell. *Os Últimos Intelectuais*. São Paulo: Trajetória Cultural, EDUSP, 1990.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários - nos Tempos da Imprensa Alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*. Rio de Janeiro, Saga, 1968.

MCNEIL, Legs e MCCAIN, Gillian. *Mate-me Por Favor - Uma História sem Censura do Punk*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

MELLO, Geraldo Anhaia. *Muito Além do Cidadão Kane*. São Paulo: Scritta, 1994.

MOYA, Álvaro de. *História da História em Quadrinhos*. 3. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.

RÉMOND, René. *História dos Estados Unidos*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ROSZAK, Theodore. *A Contracultura*. 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1972.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo - 1964/1985*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

TUCHMAN, Barbara W. *A Marcha da Insensatez - de Tróia ao Vietnã*. 2ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

WERTHAM, Fredric. *Seduction of the Innocent*. sem maiores referências (mimeo).

WOLFE, Tom. *O Teste do Ácido do Refresco Elétrico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

Artigos e Entrevistas:

ANGELI, *Entrevista com o Vampiro*. In revista *CyberComix*. nº 4, São Paulo: Bookmakers, 1998.

ANGELI, entrevista denominada *Quadrinhos são como 'divã'*, diz Angeli. e publicada no jornal *Folha de S. Paulo*. Caderno "Ilustrada", São Paulo: Folhas, 01/12/99.

ANGELI, entrevista concedida para o jornalista Boris Casoy no programa *Passando a Limpo*, Rede de Televisão Record, São Paulo, direção de Dacio Nitrini, gravada no dia 03/08/2000 e exibida no dia 06/08/2000.

BACZKO, Bronislaw. *Imaginário Social*. In *Enciclopédia Einaudi*, nº 5, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

CAMPOS, Rogério de. *Sangue e Elegância - A Imaginação Criminosa de Robert Williams, o Último Pintor da América*. In *Revista General*. nº zero, São Paulo: Conrad, 1988.

Orivaldo Leme Biaggi – Bacharel, Mestre e Doutor em História – Unicamp. Professor dos cursos de graduação da FAAT.